

ILUSTRAÇÃO

N.º 207 — 9.º ano



ADELINA ABRANCHES
na noite da sua consagração

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

É assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

USE O CREME

Rainha da Suécia

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE



M.^o CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O meu menino

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,
encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Grande sucesso literário

À VENDA O 3.º MILHAR


É A GUERRA

Diário da grande con-
flagração europeia

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 304 págs., brochado . . . 12\$00
encadernado 17\$00



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA



AS TRAÇAS ARRUINAM

os seus fatos

... mate-as com FLIT

São incalculáveis os prejuizos feitos em cada ano pela traça — sem necessidade, — visto que bastará pulverisar os seus guarda-fatos regularmente com o FLIT, para que todo o perigo cesse imediatamente. Por vezes, empregam-se, productos similares, mas são ineficazes. Certifique-se de que adquire, realmente, o FLIT, recusando as imitações. O FLIT pulverizado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e faixa preta.



Exija **FLIT**

Recuse todas as substituições

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quanto sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado... 12\$00
 encadernado... 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

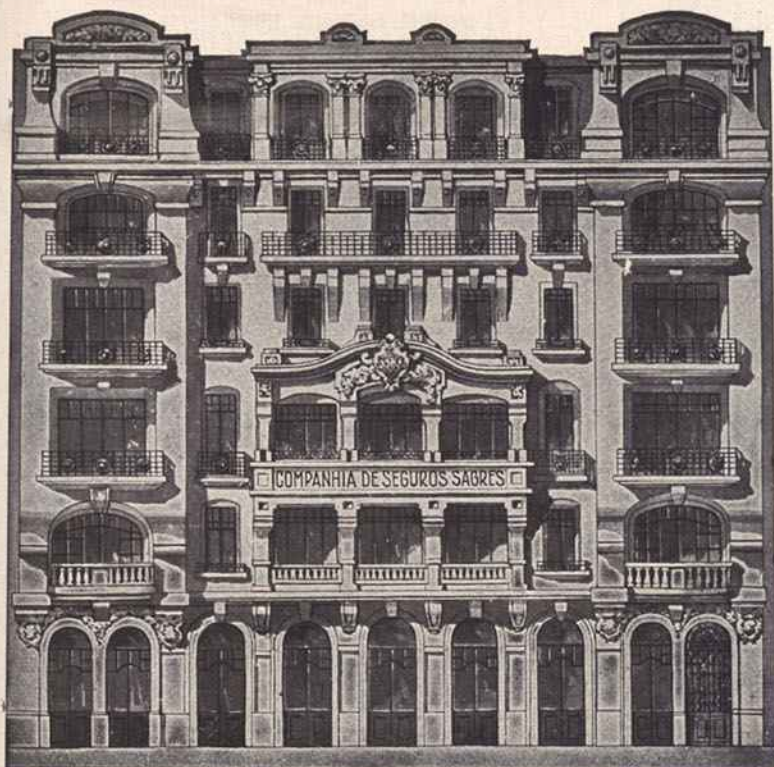
MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à MARIA BENIGNA uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
 Encadernado . Esc. 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

Seguros de vida em todas
as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS

AUTOMOVEIS E POSTAES

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirão dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampalo*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações
francesas, inglesas, alemãs: semanais,
quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas,
mensais e de estação, tais como :

Jardin des Modes — *Vogue* — *Femina* — *Les Enfants* — *Lingerie* — *Les Ouvrages* — *Les Tricots* — *Modes et Travaux* — *Mode Future* — *Weldon's Ladies Journal* — *The Lady Fashion Book* — *Die Dame*, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Accitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

78, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Uma história curta...
Pequeno almoço
em 2 minutos!



Não deixe de comer o seu pequeno almoço, por ter acordado tarde. Os Corn Flakes KELLOGG'S estão sempre à sua espera. Basta servi-los do pacote para o prato. Mesmo a propósito para uma refeição a correr.

Leves e tostadinhos tentam o apetite matinal e contêm o alimento necessário até ao almoço.

Servem-se com leite frio ou quente, podendo juntar-se-lhes frutas frescas.

Um pacote dá para muitos pequeno-almoços.

Kellogg's
CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos - em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

747

Doces e Cosinhados

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas... **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Ádler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol.
ilustrado **6\$00**

DEPOSITÁRIA:

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de água termal,
Banhos de água do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc.** - - - - -

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** - - - - -

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

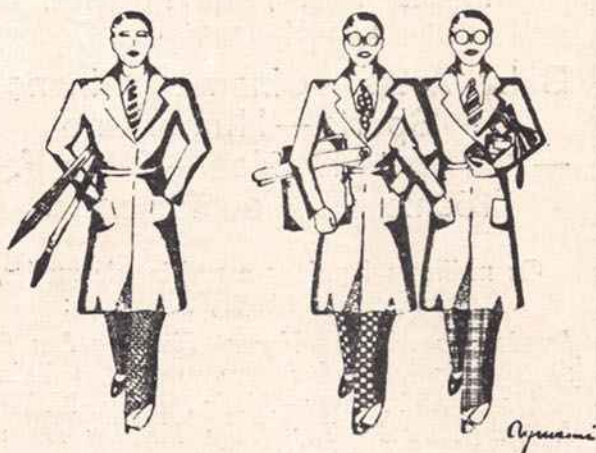


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

■ ■

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. - **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Nesta quadra canicular era uso amainarem as febres da política. O calor do sol excedia o da paixão, motivo que levava os batalhadores das guerras intestinas a refugiarem-se nas praias ou subtegmime para refresco indispensável da cabeça e seu miolo. Não perdiam com a demora as ideias, o bom senso, nem a economia dos povos. E até acontecia, ao caír da fôlha, os pensamentos e actos da gens politicaria serem menos desassissados.

Vão os tempos muito mudados. Pelo que se tem visto o aumento de temperatura, em vez de calmar, excita, o que pode levar a crer numa grave perturbação cosmica, com influência nos humores e na índole da espécie.

Ao fechar este mês de julho, entre crises hipertermicas que circundam o hemisfério boreal, registam-se destemperos, de violência comparável a terramoto, cataclismo, ou acidente fora do comum. Chega a pensar-se em onda, ou gaz tóxico que perturba o juízo dos habitantes do globo.

Pelo menos tem de admitir-se que alguma coisa de novo, antes desconhecida, intervem nos sucessos actuais.

Além do factor comum da endémica desordem espanhola, temos a greve revolucionária norte-americana, o ensaio comunista do Chili, as guerras do Chaco e as crises históricas argentinas, uruguaias, brasileiras, e finalmente a confusa epilepsia germânica que acaba de produzir o caso austriaco, feio, estúpido, selvagem como nenhum outro precedente.

Nem o Portugal da Legião Vermelha, a Espanha de Casas Viegas e Castilbranco ou a França de Stavisky haviam dado espectáculos da ferocidade posta em ordem sistematisada pelo nazismo, em Berlim, Munich, Viena.

Em tempos idos os lisboetas diziam, por chalaça, que no Ministério do Interior existia uma Repartição de Assassinato com chefe e subalternos adextrados e peritos no serviço. A escola do Hitler veio dar realidade a esse tremendo excesso de fantasia. As mortes de Schleicher, Roehm e dos noventa companheiros de desdita, bem como a última de Dollfuss, denunciam a presença dessa tal coisa de novo que antes não se descobria à face da terra. Há um espírito de mal, de perversidade peculiar que constitue invento moderno. Pela feição que apresenta parece caso pensado, deliberado, com seus toques de ensaio experimental, deduzido segundo a técnica científica.

Que a ciência perdõe o cometimento de invocar-lhe o nome em circunstân-

CRÓNICA DA QUINZENA

cias tão ruins. O certo é que os homens não se pejam de pô-la ao serviço do instinto mais cruel e bestial. Por isso criaram uma ciência do terror, que praticam dentro de princípios estudados e submetidos a prova.

E o mais estranho a registar é a descoberta partir da raça que produziu Roentgen e Bhering e parece decidida a pôr o mesmo empenho na tarefa sinistra que temos à mostra.

Desta segunda investida operada em Viena de Austria, é lícito concluir que existe programa traçado a que se dá prática regular. Devem os executores achar-se convencidos do resultado proficuo a colher do empreendimento. O que não impedirá de formular dúvidas sobre o futuro proveito do plano em marcha. Admite-se que em vez de terror inspirem horror ao mundo inteiro. E ninguém tomará por indiferente esta troca de sílabas.

A experiência deveria ter ensinado aos que neste momento manejam tais forças que nem sempre o obtido corresponde ao prometido. E até pode conseguir-se um duro castigo aonde esperava receber-se um prémio. Servem de exemplo as contas feitas em Versalhes.

Não se oponha agora que a brutalidade de Viena nada tem que ver com a gens germânica. Nazismo e germanismo encontram-se neste momento em estreita união, como em 1914 se achavam o kaiserismo e o mesmo germanismo. Não se distingue qualquer diferença como não se distingue entre III Internacional e Bolchevismo.

Os manifestos hipócritas de repulsa que o governo de Hitler publica, não convencem ninguém.

O acto que rendeu a morte de Dollfuss foi apenas uma tentativa falhada, em parte do programa organizado pela Internacional de Berlim. Esta fica sendo a convicção do mundo inteiro até prova em contrário, difícil de fazer.

O nazismo invasor, ambicioso de império, topou no Chanceler austriaco um pé duro que se lhe punha à frente e impedia a marcha para o Oriente. A supressão do importuno estava dentro da lógica fundada no oportunismo, ou seja o materialismo feroz à Marx, à Engel, à Nietzsche, digamos à maneira de dúzia

e meia de mestres daquela procedência. Ora o acontecimento parece ter batido na testa dos demais condutores da Europa. Seria muito bem feito que eles se alarmassem deveras, como o caso merece e tomassem precauções a tempo de evitar uma grande desgraça.

Outros votos não há a fazer na hora que passa.

*

Desapareceu Coelho de Carvalho com a sua bonita conta, arredondada além dos 80, sem deixar memória escrita do que viu e ouviu à gente do seu tempo e que, contado por ele, parecia muito importante. Espírito vivo, cheio de encanto, apenas tomava embalagem na conversa, ou antes no monólogo, era de regalar a entranha escutá-lo. Poucos restam dessa geração esgotada e não reeditada, do bom convívio, do torneio afável e deleitoso de linguagem, agora substituído pelo bocejo, ou o grosseirismo gimnico, em que se fala de murros, bolas e rodas, sem ponta de sal, ou espírito a condimentar o dito.

Dessa época e dessa qualidade fica ainda Gualdino Gomes com o facho, sem ter a quem transmiti-lo. Acaba a conversação, ou maneira graciosa de dialogar. E dentro de dez anos não se fará ideia de um gôso peculiar, inefável, fruído pelos homens que foram môços em 1890. Os seus colóquios, perderam-se na atmosfera. Ninguém os registou. Eles próprios o não tentaram, pela razão extrema de não haver uma massa que os quisesse guardar. Coelho de Carvalho pensou em escrever memórias. Desistiu por falta de editor, quer dizer, por falta de público que se interessasse pela obra. E assim morre obscuramente, a caminho do total desaparecimento um espírito que merecia ficar lembrado e recordado. Outrotanto aconteceu a Beldemonio e Manuel Penteado. Quem hoje se lembra do que foram essas duas línguas a falar?

Isto nos prova que em Portugal ainda se não chegou a apreciar o homem excepcional, pela ignorância inteira em que se vive do que seja um valor humano.

Entre um escritor ou conversador cintilante, um político ou um boticário má língua, contador de anedotas, não se estabelece distinção ao alcance de todos.

Para o nacional de temperamento toureiro, jogador de bola, automobilista, às vezes, médico, advogado, engenheiro, as três variantes andam rubricadas com o título comum de «uns gajos com piada». E enquanto tivermos 50% de analfabetos com mais 45% de pessoas que não sabem ler, não passaremos daqui.



D. Afonso Henriques

Uma confusão histórica

Onde se feriu a batalha de Ourique?

JOÃO Ameal, ilustre publicista do nosso tempo, disse que, no século XIX, os apóstolos dos ignaros dógmas individualistas da Revolução Francesa, estabeleceram, no que se refere à História, uma verdadeira empresa de demolição sistemática do Passado.

Pelo visto, êste mal contagiou-se à actualidade, e, tanto assim que, com uma data e uma localização erradas, acabam de lançar na confusão um dos factos fundamentais da nossa História.

Como elucidário dêsses dois pontos, suficientemente esclarecidos pelos cronistas antigos, ouçamos os seguintes depoentes:

— Luiz de Camões, príncipe dos poetas portugueses:

*«Mas já o príncipe Afonso aparelhava
O lusitano exército ditoso,
Contra o moiro que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
De frente do inimigo sarraceno,
Posto que em fôrça e gente tão pequeno.»*

— António de Oliveira Freire, historiador no reinado de D. João V:

«É a notável Vila de Ourique, famosa, em Portugal, pela batalha que el-rei D. Afonso I venceu, nas suas cercanias, a duzentos mil mouros, com cinco reis daquela raça, comandantes dêsse tão excessivo número de bárbaros. Para mais honra, tem ela uma freguesia, que é Comenda da Ordem de Santo Iago, à qual pertence tôda a Comarca.»

— Um alentejano reconhecido, a quem o anonimato da sua carta nos impossibilitou de agradecer:

«Li o seu artigo de 25 de Julho de 1932, intitulado "A Jornada de Ourique", e ve-

nho por isso informá-lo que o meu velho avô, que era natural da aldeia das Relíquias, povoação trans-tagana muito próxima de Ourique, nos dizia que, segundo a tradição, o nome da dita aldeia lhe vinha de ter sido naquele lugar que estiveram depositadas as relíquias, trofeus e despojos de guerra dessa batalha.»

— Pessoa que oculta o nome com um pseudónimo:

«A História fixa em 25 de Julho de 1109, o nascimento de Afonso Henriques; em 25 de Julho de 1139, a vitória de Ourique; em 25 de Junho de 1140, a batalha de Valdevez; em 25 de Outubro de 1147, a tomada de Lisboa. Vê-se dêste resumo de datas fixamente assentes, que o príncipe e depois rei dos portugueses, tinha uma grande confiança na sua estrêla, e preparava as arrancadas e assaltos notáveis de preferência para dias que lhe lembrassem o do seu natalício.»

— Borda d'Água, folhinha ou almanaque infalível, mais antigo, mais popular e mais consultado:

«Julho, 25 — dia de S. Tiago Maior, ap., Cristovão. Neptuno — Lua, 21. D. João I conquista Ceuta aos mouros, 1415. Conj. Batalha de Ourique, 1139.»

— Damião António de Lemos Faria e Castro, insigne historiador do tempo de D. Maria I:

«Os escritores da História mais se devem servir da tradição que dos documentos, para tirarem as dúvidas. A tradição de Ourique, constante e ininterrupta desde os dias de D. Afonso Henriques até aos nossos dias, sem dúvida, não deve merecer a menor hesitação a nenhum português, porque, de pais a filhos, recebemos a notícia dêsse feito, revestida de todo o caracter de certeza.»

Acabados de transcrever estes seis depoimentos, narremos um tão máximo episódio da Pátria.

Abu Ali Texefim, poderoso Imperador de Marrocos, alarmado pelo progresso das armas lusitanas, ordenou a Ismar, seu lugar-tenente, na Ibéria, congregasse o numeroso exército que lhe enviara, com as guarnições das alcaidarias de Badajóz,

Elvas, Évora e Beja, e, a seguir, os repelisse para lá do Douro.

Então, viu-se o nosso grande Afonso Henriques, revestido de cota de aço e casco reluente, cavalgando à testa dos mais valerosos cavaleiros, sair do seu Alcaçar de Coimbra, ultrapassar o Tejo, muito além da vigilância das atalaias mouras da medina de Abrantes, seguir o curso desaguante dos rios Caio e Guadiana, e, atrevidamente, ir postar-se frente a frente do inimigo, nos plainos de Castro Verde, em Ourique, no mesmo lugar e sitio que depois, por êsse motivo, vieram a chamar Cabeça de Rei.

Desta sorte, acampado, o seu primeiro empenho foi armar abarracamento para as suas fôrças, e abrir trincheiras, para melhor abrigar a infantaria, as quais, por haverem ficado estrategicamente flanqueadas por enormes pantanos, vieram a quebrar todas as investidas dos doze esquadrões de cavalaria, que Ismar organizara, em vão, para desbaratar os portugueses.

Executadas estas duas importantes providências, foi D. Afonso Henriques procurado por alguns dos seus capitães, que por esta maneira lhe falaram: — «Senhor, que vos arruinais e nos perdeis a todos!... Vemos muitos mouros e poucos portugueses, pois para cada um de nós há cem bem armados inimigos. O nosso pequeno arraial, como a vossa vista não alcança, está completamente cercado por todo o poder da Betica e de Marrocos. Peçamos a paz, sem delonga, e repassemos o Tejo, que é fôso bastante seguro para nossa defesa. Se pelejamos aqui, neste campo traiçoeiro e difícil, nós nos perdemos sem glória, no embate com uma tal multidão de bárbaros. Lembrai-vos, Senhor, que sois guarda das nossas vidas e penhor das vossas acções, portanto, aguardai para mais tarde os laureis de uma tão perigosa empresa.»

Ao acabar de ouvir estas palavras, Afonso Henriques os despediu sem resposta, e, num brusco repelão, entra na sua tenda, onde procura sufocar a indignação, acalmar o espírito, repousar o corpo.

Do que a seguir se passou, conta a tradição:

— Querendo êsse príncipe campeador, de heroico sangue dos Capetos, fortificar-se pelo exemplo de alguma grande vitória alcançada sôbre os inimigos de

Deus, aproveitando o socêgo da noite, tomou em suas mãos a Bíblia Sagrada, e leu a história de Gedeon que, apenas com tresentos hebreus, derrotára, com morte de cento e vinte mil inimigos, os exércitos de quatro reis Madianitas, adormecendo em seguida.

Então, sonhando, julgou ver a figura de um velho que lhe prometia a vitória, no mesmo instante em que o seu camarista João Fernandes de Sousa o acordava para lhe anunciar que um desconhecido de muito avançada idade, pedia insistentemente para lhe falar, e logo que êle entrou, reconheceu ser êsse o ancião que acabára de ver em sonho.

O visitante, sem lhe dár tempo a fazer perguntas, disse-lhe que era um pecador fazendo penitência, havia sessenta anos, em uma montanha vizinha, e que vinha da parte de Deus anunciar-lhe a vitória. "Quando ouvirdes o som de um sino, acrescentou êle, sai da vossa tenda, e te-reis a prova eloqüente do que o céu faz em vosso favor. Em seguida, o pobre ermitão abalou, deixando D. Afonso de-vêras surpreendido.

Pouco depois raiava a aurora, e, D. Afonso ouviu o som de um sino; ar-mou-se à pressa de seu montante e de sua rodeta, e saiu rapidamente. O que êle distinguuiu, iguala, ou antes, ultrapassa, ainda, a miraculosa aparição da Cruz, a Constantino: No meio de nuvens chame-jantes, divisou um grupo de anjos sus-tentando o madeiro de Gólgota com Je-sus Cristo crucificado.

Uma voz profunda se fez ouvir, anun-ciando-lhe a vitória, e que, no dia dela, seria proclamado rei pelos seus soldados, e a sua posteridade levaria, nos seus estandartes, a glória do nome de Deus e da Nação Portuguesa, às regiões e aos ma-res mais longínquos do Mundo.

Todas estas predicacões foram cumpri-das literalmente. As navegações portu-guesas, sulcando mares nunca dantes na-vegados, estabeleceram o maior Império Ultramarino da Terra; a fundamental vitória de Ourique, foi alcançada logo após a aclamação do primeiro rei lusitano; a divisa da Pátria que, desde o governo do conde D. Henrique, até então, fôra um escudo ameaçado por uma cruz potente, passou a ser um braço com os signos das feridas do Nazareno, como ficou exa-rado naquele coêvo documento que existiu nos antigos tombos da insigne Aba-dia de Alcobaça, dos sábios monges da Ordem de Cister, e em que se certifica haver D. Afonso Henriques jurado sôbre os Santos Evangelhos, perante os bispos de Braga e de Coimbra, e nobres da Côrte, como vira Cristo crucificado antes de começar a batalha.

Nêsse valiosíssimo pergaminho, que tinha apostos um sêlo real e quatro em cêra vermelha, pendentes de umas fitas de sêda da mesma côr, estipulava o primeiro rei dos portugueses que os seus régios descendentes usassem, para todo o sempre, em honra da cruz e das cinco chagas de Cristo, no emblema da Nação, as armas com cinco escudos partidos em cruz, e em cada um dêles, os trinta di-nheiros, e por timbre, a serpente de Moisés, por ser figura de Jesus; e, igual-

mente, por ficar sendo êste o trofeu da sua geração, ninguém intentasse o con-trário, porque, caso o fizessem, seriam malditos do Senhor e atormentados no inferno, como Judas.

Foi ao amanhecer do referido dia de Santo Iago Maior, do ano de 1139, que se deu principio à memorável batalha, ao estridente som dos clarins de guerra e à gritaria estrondosa dos portugueses, aclamando o seu primeiro Rei.

A nossa linha de combate encontrava-se assim distribuída: A vanguarda com o Rei acabado de proclamar, à testa, por três mil infantes e trezentos homens de cavalo; a retaguarda, por igual número de soldados, superiormente capitaneados por Gonçalo de Sousa e Lourenço Viegas; os flancos direito e esquerdo, pelo resto das tropas que sobejavam dos doze mil homens da coluna, e que estavam entre-gues à valentia dos intrépidos Martim e Mem Moniz.

Neste diminuto corpo de exército, tam-bém tinham postos de comando, além de outros assinalados capitães. D. Fua-s Roupinho, primeiro almirante português; Rui e Nuno de Bragança, cavaleiros da nobre estirpe dos reis da Armênia; Moço Viegas; Pedro Pais; Paio Guterres; Gonçalo Dias, o "Cid Lusitano"; Fernão Pires; Egas Mendes de Gondar; Fer-nando Viegas; Martim Anaia, e aquele gentilíssimo alferes-mór, Garcia Mendes, que, por ordem do seu novo rei, arvo-rou o flamante estandarte real no centro da linha inimiga — feito glorioso que constituiu o início da formidanda derrota dos mouros.

Como rezam as crônicas, "já a voze-aria dos mouros, o estrondo dos ins-trumentos de guerra, os gemidos dos agonizantes, era horror, era confu-são, era espanto, e saltavam, pelo chão, as cabeças sem sentido, as pernas sem movimento, os bra-ços sem dono, fer-vendo umas entra-nhas, outras ainda palpitando", quan-do D. Afonso Hen-riques — "que se achava sempre nos lugares de maior perigo, para que aqueles que não podessem animar-se, ouvindo-o, o imitassem, ven-do-o" — investe, energeticamente, de lança em riste, contra a linha ini-miga, e, rompen-do-a, vai matar, à

lançada, o temido rei de Silves, destroçan-do-lhe, em seguida, todos, os seus esqua-drões que, em galopada brida, haviam chegado do seu vizinho reino dos Al-garves.

Uma acção igualmente heróica, veio marcar o fim dessa batalha que inundou de sangue as correntes dos rios Cobres e Terges, e os plainos do histórico e inofismável campo do velho couro de Castro Verde.

Vendo o Fundador da Nacionalidade que, no momento mais renhido da luta, os sarracenos, como medida extrema de salvação, tinham rodeado todo o nosso exército, ordenou a Gonçalves Mendes da Maia que fôsse investir com o quartel general inimigo, para, em seguida, avançando com todo o grosso da sua coluna, ir atacar, de improviso, o sanguinário miramolim Homar Atagor que, então foi degolado, como o foi toda a guarda imperial do seu comando.

Foi esta grande hecatombe que levou o Imperador Ismar — o pérfido assassino do rei de Badajoz, a quem usurpou o trono — a abandonar o campo da con-tenda e a fugir para a Betica, com o resto dos agarenos que escaparam às lanças e às espadas portuguesas.

É só então é que, já alcançada a vitória, se ouviu pela segunda vez, em Ourique, o grito vibrante e unisono de: Real, Real, Real, por Afonso I, alto Rei de Portugal!

E. Raposo Botelho.



Manuscrito iluminado da
"Crônica de D. Afonso
Henriques" por Duarte
Galvão



A mulher portuguesa de hoje

tugal. Vem já de longe, e além do nosso país, consagrou-o a Itália Mater, a França e a Espanha de eras remotas. Num igreja, em sexta-feira, Petarca enamorou-se de Laura. À hora da missa, sob as luzes do altar, Dante fez a suave colheita do primeiro sorriso de Beatriz. Bocácio apaixonou-se num templo, durante o sacrifício divino, pela filha de Roberto de Nápoles.

Numa igreja de Paris dobrou Guilheme de Nevers o torso de soldado perante o vulto frágil da filha do conde de Nemours — êle, o forte, o intrépido guerreiro da Galia belicosa. E numa sexta-feira de Paixão, em Valência, nos ofícios litúrgicos, se incendiou de amor pela gentileza excelsa de Teresa de Mombny o peito varonil de Ausias March — poeta catalão dos poemas petrarquianos.

A mulher portuguesa, pois, com raras e notáveis excepções, tinha sob o domínio do pátrio poder quasi a situação da mulher grega no gineceu, da turca no harem.

Os muros agrestes das conveniências e dos preconceitos apenas abriram brecha para o ar livre e a luz plena no período transitório do Renascimento italiano. Da Itália soprava, sôbre todos os pontos do quadrante, a fecunda viração que trazia no seio os germens e os frutos da democracia — o homem amalgama social da Idade-Média a despertar para a conquista da individualidade, para o reinado do *uomo singulare*, do ser uno e pessoal. Da Itália irradiavam por toda a Europa, levantando as almas e os corações, com os esplendores e as renovações da sua cultura neo greco latina, as famas e as obras de Tullia de Aragona, a conselheira e favorita de Filipe Strazzi, de Hipolita Sforza, a bela mulher e culta humanista da casa ducal de Milão; de Vitória Colona, a erudita e formosa inspiradora de Miguel Angelo; de Clarice Orsini, a orientadora que tão alto levantou o prestígio da casa dos Medicis.

Portugal acorda, à hora matinal da sinfonia primaveril, para o prestígio dessa era de vida nova — embora feita à imagem e semelhança duma era morta. Os poetas afinam as liras pelo diapasão dos Sannazaro, dos Ariosto, dos Policiano, o ouvido atento ao ritmo da batuta genial de Homero e Virgilio, Dante e Petarca. Sob a segura afinação e a gloriosa regência, surgem no tablado português os grandes poetas António Ferreira, Bernardim Ribeiro, Frei Agostinho da Cruz, Sá de Miranda, Luís de Camões — aquele de quem Schelegel diz que êle é, por si só, uma literatura inteira, a quem Stork chama irmão de Homero e Virgilio. E é nesse período esplendoroso de alvorada e criação, que a mulher portuguesa abre as azas, solta o canto, e entra em competência com o homem a rasgar caminho na vida, publicando talentos e virtudes. A Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel I, organiza a sua corte de poetas e letrados, poeta com êles em português e latim. Joana Vaz, Luiza Sigêa, Hortense de Castro, Paula Vicente tornam-se notáveis, no culto das humanidades, na poesia e na música.

Mas as sombras do século XVII, carregadas pelos fumos espessos das fogueiras depuradoras do Sto. Offício, com o pronunciado cheiro a carne humana rechinada e incinerada, fazem recolher ao silêncio da noite e da hibernação todas essas vozes canoras.

E a mulher regressa à sua primitiva servidão e ao seu anterior anonimato, apenas de longe a longe cortados pelos pensamentos e obras de rebeldias isoladas, como o da pintora Joana d'Obidos e da poetisa Marqueza d'Alorna.

Com as conquistas liberais e a transformação operada na organização das sociedades modernas, pela convergência e imperio das mil e uma circunstâncias que em tudo atuaram e tudo modificaram, Eva começa a sentir que o ar, o movimento, a acção e o domínio não vieram ao mundo para usufruto exclusivo do senhor seu consorte. E agora alçando a cabeça ao de cima da vaga humana que passa e ulula solfejando as suas máguas, ou musicando as suas venturas; logo agitando a pena e ditando entre doutores a tabua das suas leis, em seguida instalando-se na cadeira de Pastolozzi e na bancada de Esculápio; por último tomando de assalto a barra dos tribunais, as trincheiras do comércio, os baluartes da indústria, ela assume neste momento da vida colectiva nacional a posição de temível concorrente do homem.

É certo que à margem das mulheres que trabalham na indústria, no comércio, na advocacia, na medicina, no professorado, na literatura existe a grande massa das que vivem exclusivamente dos seus rendimentos ou dos rendimentos dos pais e maridos, das que sómente e maravilhosamente cuidam de valorisar, sob a aliança da modista, do sapateiro e da *maquilleuse*, os dons verídicos ou falsos da sua formosura. Estas e aquelas mesmo, porém, à parte as que em certos recantos da provincia continuam sujeitos ao regimen opressivo da escravatura, adquiriram liberdades dantes exclusivos do sexo feio.

A mulher portuguesa de hoje, nas cidades e vilas principais, além do exercício de profissões que trinta anos atrás lhe eram de todo vedadas, goza de direitos e privilégios que seria difícil agora revogar em seu prejuízo. Até conseguiu a regalia do voto — é certo que, num momento histórico em que o voto deixou de ter cotação na bolsa dos papéis sociais.

Mas, convém acentuá-lo, convém publicá-lo — como desmentido glorioso aos falsos Geremias do naufrágio das suas graças no mar alto da vida pública — a mulher actualizada, a das letras, a das ciências, das artes e dos officios, nada perdeu do encanto da gentileza e feminilidade.

Tenho até a impressão de que a Eva do trepidante Inferno de hoje, na árvore da ciência dos quotidianos labores, colheu frutos de perdição ignorados da Eva do sonolento Paraíso relatado no Génesis.

Sousa Costa.

A mulher portuguesa, mulher latina com sensíveis vestígios de consanguinidade islamita, foi durante séculos, exclusivamente, a *deusa do lar*, doce eufemismo retórico encobrindo a amarga realidade do cativo perpétuo a sete chaves. Porque, islamita de condição e educação, califa autoritário ou Otelo cioso, o homem português, marido ou pai, guardava-a das cobiças alheias, porisso do ar e da luz, tal qual o da mourama guarda a odalisca.

Assim, até há muito pouco tempo, — até ao último quartel do século XIX — a mulher, casada ou solteira, era exclusivamente, intransigentemente a *deusa do lar*. Obedecia ao regimento do colegial aferrolhado no colégio. Saía de casa aos domingos, à hora da missa; nos dias de festa era-lhe permitido o teatro ou o baile; duas vezes por estação ia à modista; ia às compras em certo dia do mês — mas invariavelmente custodiada, de sentinela à vista, contra as cavilosas sortidas de Satanaz. E neste *modus vivendi* de meio sequestro, quando não de sequestro integral, cercada de muros espessos, ao alto ericados de cacos de vidro, a casada tinha sôbre si tôdas as obrigações domésticas e apenas os direitos que o marido lhe outorgava — em geral relictos às relações da sua intimidade e ao jôgo do quino em família. A solteira, essa, dantes nem a escrever aprendia, para não comunicar por escrito com o namorado, o que freqüentemente redundava em alimentáveis equívocos; nos últimos tempos aprendia o francês, às vezes também o português, tocava cravo, espineta ou piano, e a missa, aos domingos, dava-lhe aso a mostrar o corte dos vestidos às amigas e eleger noivo dentre os infalíveis aspirantes ao exercício do matrimónio.

É verdade que o amor nado e criado aos pés do Senhor, no sagrado âmbito do tabernáculo, não é exclusivo de Por-

Os "60 anos de teatro"

da gloriosa actriz

ADELINA ABRANCHES

Há sessenta anos que representa essa figura de artista que se chama Adelina Abranches. Há sessenta anos que nos dá, em cada papel que interpreta, um trabalho artístico que os críticos têm classificado de notável. Rocha Martins, num artigo recentemente publicado, diz que «há profissões que não se ensinam. A de representar é uma delas. Quem não possuir a fásca, pode frequentar escolas de aperfeiçoamento, os conservatórios, que jamais deslumbrará. O talento que se denominou fogo sagrado, nasce como um privilégio de casta. Educam-se actores não se animam almas; vazam-se utilidades, maiores ou menores, em moldes escolares, mas não se fundem vocações. Espirram as fásca, não se acendem os luzeiros. Aquelas arrebatam; os outros, por mais correctos, deixam-nos frios. Por vezes inventam-se celebridades teatrais, mas, se não possuírem a autêntica alma do comediante, morrem mais depressa do que as borboletas atraídas, queimadas pela luz».

Adelina Abranches, na noite de treze do corrente, foi homenageada. Uma comissão presidida por Lucília Simões e composta pelos srs. João Pereira da Rosa, Eduardo Schwalbach, drs. Joaquim Manso, Miguel Braga, Ribeiro de Carvalho e Ricardo Jorge, filho, e Pedro Bordalo Pinheiro, Acácio de Paiva e Erico Braga, organizou o programa. Dêle fazia parte a comédia «O gaiato de Lisboa», com Adelina no papel de garoto dos jornais; a peça de Lino Ferreira e Fernando Santos, «Amor de mãe», propositadamente escrita para essa festa; e o «Auto de Santa Adelina», realização literária de Erico Braga e versos de Acácio de Paiva, apoteótica evocação de todas as criações da gloriosa artista. Fechou o espectáculo o acto da «Consagração» onde falou o sr. dr. Joaquim Manso — discurso de honra. Usaram também da palavra os srs. Cardoso dos Santos, em nome do Sindicato da Crítica, dr. José Galhardo, em nome da Sociedade dos Autores, e Alfredo Ruas, em nome do Sindicato dos Artistas. Depois foi entregue a Adelina a medalha de ouro comemorativa da celebração dos seus 60 anos de teatro. A terminar, Alexandre de Azevedo leu versos consagrados à festejada pelo dr. Mário Monteiro. Aura Abranches, em nome de Adelina, agradeceu a homenagem prestada a sua mãe. Assim terminou essa noite de festa, onde se consagrou a maior actriz portuguesa, que há sessenta anos enche de talento os nossos palcos.



EM CIMA: Adelina no protagonista do «Gaiato de Lisboa»

AO LADO: A grande actriz rodeada por algumas das nossas mais distintas artistas de teatro

EM BAIXO: Aspecto que oferecia o palco do São Luiz durante o acto da «Consagração de Adelina» no momento em que usava da palavra o distinto actor Erico Braga, um dos membros da comissão organizadora da homenagem



A QUINTA DOS ÁLAMOS

Em pleno campo da Golegã, situada a pequena distância da vila e no caminho desta para a estação de Torrões Novas, fica a famosa quinta dos Álamos, outrora no vínculo da casa de D. Aleixo de Menezes, aio que foi de el-rei D. Sebastião.

Da posse dos marqueses das Minas passou, por título de compra, em 1870, para Frederico Tavares Bonacho a quem a vida chegou para a desenterrar do pesado abandono, fazer dela a sede duma grande lavoura e uma das mais opulentas e belas quintas de todo o Ribatejo.

No último domingo deste mês de Maio, numa límpida manhã de sol festivo, eis-me lá em visita de amigo a Frederico Bonacho dos Anjos, lavrador e artista, que a herdou do tio e nela vive *en gentilhomme campagnard*.

No *Portugal Antigo e Moderno* são os *Álamos* apenas citados entre as grandes quintas da Golegã. É de presumir que ainda não estivesse, quando Pinho Leal escreveu, erguido o palácio nem a parte modelar dos aposentos rurais (a edição é de 1874).

Celeiros, lagar de azeite, motas e abegoarias com seus pátios, são ótimas construções postas em frente da fachada norte do palácio, no prolongamento da qual, para o nascente, se alinham por sua vez as cavalariças, cocheiras, casas de criados. A frontaria olha o poente: é uma construção simples do século XIX, com uma ampla varanda de pedra em linhas sóbrias no primeiro andar. Domina-se dela a planície a morrer nos contrafortes das serras que rasgam ao longe o azul límpido da abóbada. A luminosidade do dia reforça os valores da paisagem no viço ardente das searas. A primavera sente-se a paltitar na luz, no ar erram frémitos de cio emanados da terra úber e toda a planície iluminada é um cántico à vida.

Logo no vestibulo a mão de artista de Frederico Bonacho se faz sentir na decoração. Como ganadero e apaixonado da festa brava tem uma cabeça de toiro embalsamada — o Azeitono — morto na praça de Madrid por Cuchares no século passado. É curiosa a cabeça deste toiro: acarneirada, cornos levantados e simétricos em forma de lira, cachaço estreito, tendo na expressão muito da cabra. O tipo de toiro dos nossos dias tem muito maior harmonia de formas, mais pujança. Não são do meu tempo esses toiros cornalões, por isso tanto me feriu a atenção aquela cabeça...

Fotografias, verdadeiros quadros, começam a despertar interesse e, vendo já neste género verdadeiras maravilhas, vou a admirar outras tantas coisas interessantes e valiosas colocadas com gosto e arte naquele interior cuidado e luxuoso. Mas é no *Studio* que eu verdadeiramente pasmo ante uma profusão de obras primas. Frederico Bonacho é um mago da arte fotográfica, um dominador absoluto dos «bromóleos». Os seus trabalhos (muitos deles premiados no *Salon de Paris*) deslumbram, encantam: os seus mendigos (estudos de *atelier*) são expressões mistas de tragédia e de fatalismo; as paisagens têm

dramas, segredam a dor, cantam as sinfonias do sol, ciciam as tonalidades suaves das cambiantes da luz, esboçam diafaneidades que tamisam os fundos — em resumo: são quadros com os valores postos nos seus lugares.

Após o almoço está-me reservada outra surpresa numa subida ao telhado. Um dispositivo de degraus em cimento armado conduz ao pequeno terraço assente na grimpá: e assim para lá chegar escuso de procurar aquelas artes de gato ou de bombeiro de que nunca dispuz. Mas ainda, por difícil e perigosa que a subida fôsse, bem valia fazer-se, pela beleza que aos olhos oferece. Todo o campo, a planície (segundo Pinho Leal, com vinte e quatro kilómetros de comprimento por oito de largo) desenrola-se imponente para todos os lados, marcada com nitidez em duas feições: a parte da cultura cerealífera e os chamados *espargais* principalmente destinados ao cultivo da oliveira, embora susceptíveis de boas searas; mas sob exigências de fartá adubação.

A tarde deve marcar pouco mais de uma hora, pelo sol. A luminosidade atinge o maximo e uma poeirada de ouro dança errante pelo espaço: os verdes dos trigais espigados começam a querer desbotar, o labor crepitante da seiva pressente-se a circular nos caules, os milhos mal apontam à superfície das veigas e a planura estende-se como um tapete gigantesco de retalhos, sob uma exaltação triunfal da luz e da cor.

Para as bandas do nascente faz-se brusca a transição: em terras de *espargal*, um mar bonançoso de copas cinzentas, cabeleiras grisalhas das oliveiras pacíficas, continua-se pelo horizonte a perder de vista... Ao sul a mancha dos telhados da Golegã e mais adiante, num curso preguiçoso a liso, o Tejo lembra uma lâmina de prata, a faiscar ao sol...

Ao descer, a minha vista deslumbrada e aturdida da vastidão, mergulha com prazer na horta que percorro entre vedações e sôb arcos de buxo pelas ruas calçadas a seixo. As mais pequenas coisas assim nos recordam, que estamos em casa dum artista.

Numa sombra discreta do jardim esperam-nos: Gaspar, o filho, belo rapaz de vinte e um anos, possuidor duma cultura rara em tão verdes anos; Mendes Brito, escritor, natural da Golegã e nela médico municipal, meu contemporâneo na travessia da Escola Médica, companheiro da casa e de pensões; Reis e Mata, outro ribatejano que clínica na Barquinha, homem de cultura humanista, espírito brilhante e bonhomia de gordo.

Depois duma visita ao *Lavra*, outra grande propriedade da casa, sita nos *espargais*, e que

dá grandes produções de azeite, com sua horta magnífica toda murada, adegas, um espaçoso curral de *tentas e ferras*, rodeado de motas e palheiros para muitas cabeças de gado, vamos à Barquinha, a fim de eu ver a «toça do sardão» — designação pitoresca dada por Reis e Mata à casa que ali comprou e vai arranjando com carinho e arte.

Na volta, ligeira paragem fizemos na quinta da Lameira onde há certo recanto de sombras, canteiros de buxo, um tanque rodeado de arvoredo, brinco da luz através da folhagem em polícromias de efeitos. Ao espírito viajado de Reis e Mata, lembra um trecho de «vila» italiana; a mim que não pude nunca «demandar longes terras», recorda-me em miniatura o parque da casa de campo, mandada construir por D. João V para a Madre Paula, em Altér do Chão, com seus sete lagos, num gracioso arremêdo de Queluz.

Na Golegã visito a igreja matriz — belo templo de três naves, de bom gótico, cujo pórtico é lindíssimo. Também aqui as melhorias dos *primários* têm exercido acção criminosa. Mas adiante... Eu estou convencido de que a lusa incultura artística têm sido bem mais nefasta aos nossos monumentos, de que lhes fôram os vandalismos das invasões francesas.

Há picaria de três toiros nessa tarde, género de diversão transportado do campo, com principio há dois anos em Santarém, que vem alastrando por todo o Ribatejo a substituir a chaladice da toirada. Assiste em bastante o elemento feminino; mas os homens olham mais para o toiro. E eu penso e sinto que, para nós ribatejanos como para os árabes, a mulher não passa duma fraqueza exigente e imprescindível; mas que, no fundo, se despreza...

Vai já além do sol-pôr, quando o automóvel rôda a caminho dos *Álamos*...

O jantar decorre entre citações de Brillat-Savarin do qual todos somos devotos; mas de que Mata é fervoroso apóstolo. E, após o café, a conversa, continua-se na varanda banhada de luar, os olhos postos na paisagem recamada de silêncio, velada nos tons fortes, toda envolta na transparência de véus brancos, num recolhimento de prece...

Na biblioteca, Gaspar Bonacho, jovem camarada, faz-nos a leitura dum conto regional que revela talento de escritor. Reis e Mata lê-nos Baudelaire e páginas escolhidas de Renan.

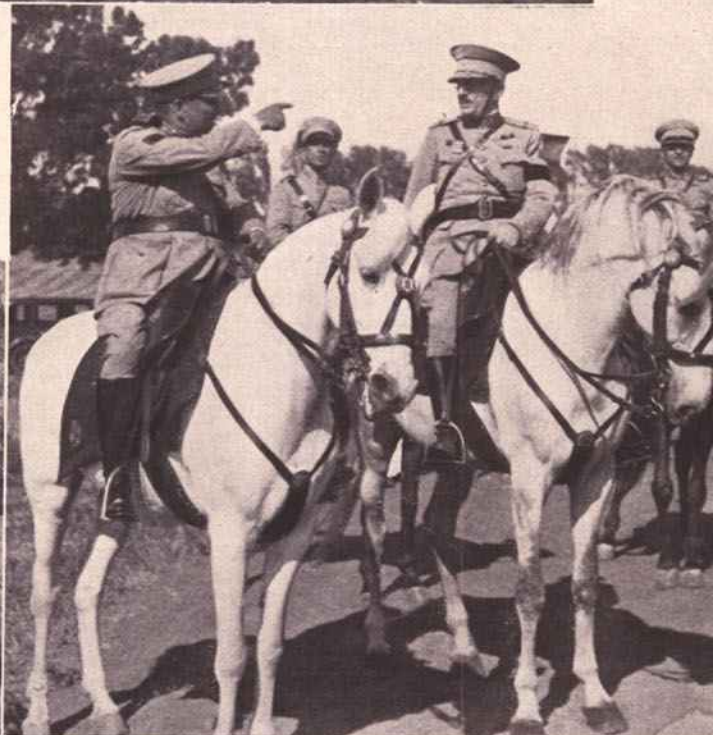
E assim se completa um dia passado no campo, em casa dum grande lavrador e artista.

Motta Cabral.

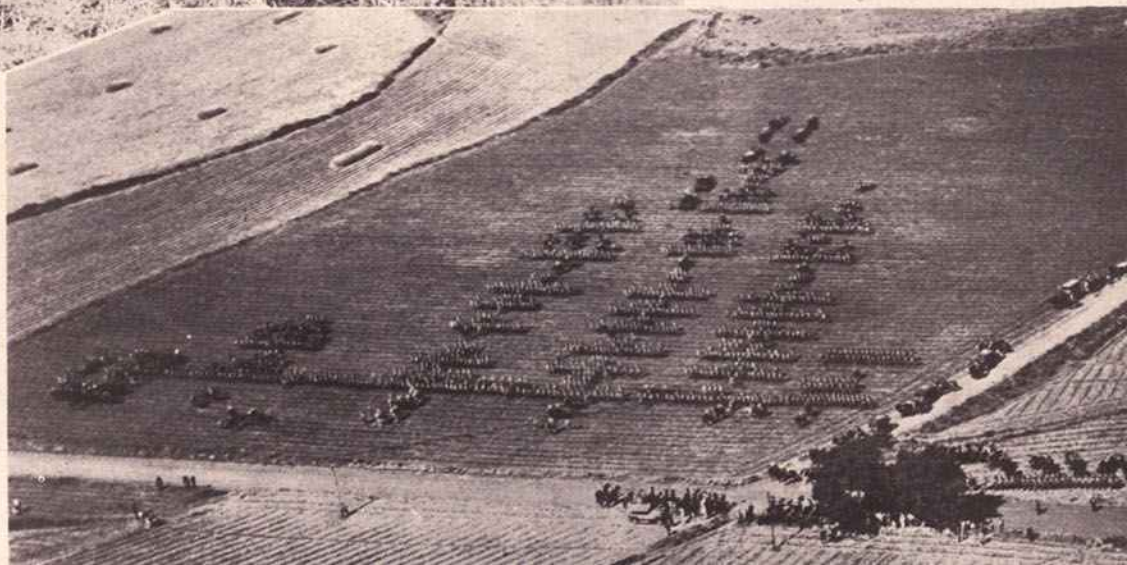




As manobras militares da guarnição de Lisboa



Nos campos de Linda-a-Velha, Carrascal, Queijas, Moinho da Azenha e Carnaxide efectuaram-se, a semana passada, manobras militares. Uma Divisão de Instrução — quatro mil homens — ali acampou. Assistiram os altos comandos, à sua passagem, nas Portas de Algés. Compareceram os generais srs. Daniel de Sousa, comandante geral das manobras, Bernardo do Canto, comandante das tropas em operações, e Silva Bastos, chefe do Estado Maior do Exército, e oficiais superiores de outras patentes. Dos Estados Maiores do comando das tropas estavam os respectivos chefes srs. tenente-coronel Tomaz Rodrigues e major Rato.



O ministro da guerra, sr. major Alberto de Oliveira, acompanhado dos seus ajudantes, visitou o quartel general da Divisão em exercícios, instalado em Carrascal, e os lugares de estacionamento.

No Quartel General, o sr. major Alberto de Oliveira, foi recebido pelo comandante da Divisão, general Bernardo do Canto; pelo governador militar de Lisboa, general Daniel de Sousa; pelo Chefe do Estado Maior do Exército, general Silva Bastos; brigadeiro Aguiar, e por numerosos oficiais.

Em seguida, o titular daquela pasta visitou os varios bivaques.

O PINTOR Guilherme Felipe

expoz em Coimbra

Guilherme Felipe — nome conhecido no meio artístico — fez, recentemente, uma exposição dos seus últimos trabalhos em Coimbra. Ao Salão Nobre da Faculdade de Letras da Universidade acorreu tudo quanto naquela cidade se interessa pela arte de pintar. Além de cinco cartões sobre «Mulheres de Coimbra», o bizarro artista expoz uma leia representando o Infante de Sagres. Sobre os cartões, Guilherm: Felipe escreveu no calílogo:

«Enquanto a mulher portuguesa, em geral, se não simplificar no «vestir» e se não desembaraçar no «andar» — e isto consegue-se pela cultura, na mesma medida, física e espiritual — a graça e a beleza moderna da post-guerra, contida em ritmos fortes e audazes, há de encontrar-se particularmente na mulher do campo que trabalha como o homem, de sol a sol.

Por pensar assim é que pintei os cartões que agora exponho, na ansia de dar, ao menos, uma ligeira impressão destas humildes mulheres de Coimbra que trabalham ao ar livre.»

No acto da inauguração da exposição, o sr. dr. Manuel Lopes de Almeida, ilustre professor da cadeira de «Descobrimientos» da Faculdade de Letras da Universidade proferiu as seguintes palavras:

Quiz alguém lembrar o meu nome ao pintor Guilherme Felipe para vos dirigir duas palavras simples na abertura da sua exposição na Faculdade de Letras. Se vos falarem em conferência, enganaram-vos redondamente. Aceitei gostosamente o convite, não por mim, que à semelhança do hibriteiro dou o que posso conforme a minha pessoa, mas pela Faculdade onde sirvo, que quiz proporcionar a um grande artista moço os meios de poder expor em Coimbra os seus trabalhos, encarregando de fazer as honras da casa um moço também que nem por ser artista deixa menos de sentir a beleza imortal. Se atendentes bem, o facto de esta exposição se realizar aqui tem algum significado: Num instituto de cultura desinteressada, as portas estão abertas e francas para todo aquele que serve o espírito e a cultura, nas suas formas multiplas, sem preocupações de somenos interesse, colhendo e espargindo a beleza que não morre porque é perene por natureza e descendência. Cumpre assim a Faculdade de Letras mais uma vez a sua missão, no sentido da cultura portuguesa em geral e mais imediata e especialmente proporcionando aos seus estudantes um momento em que podem apurar a sensibilidade que é quasi tão necessária como a inteligência, sobretudo áqueles que no futuro terão de dirigir-se a ambas.

Mas, minhas senhoras e meus senhores, não quero que me acuseis de vos prender demasiado impedindo-vos a contemplação imediata dos trabalhos do artista. Poderia ser que me acontecesse como a Macdonald, que numa exposição de pintura ocupou duas horas falando de política, até ser interrompido por um dos expositores. Desejo contudo chamar a vossa atenção para uma das obras expostas. Refiro-me ao quadro do Infante D Henrique.

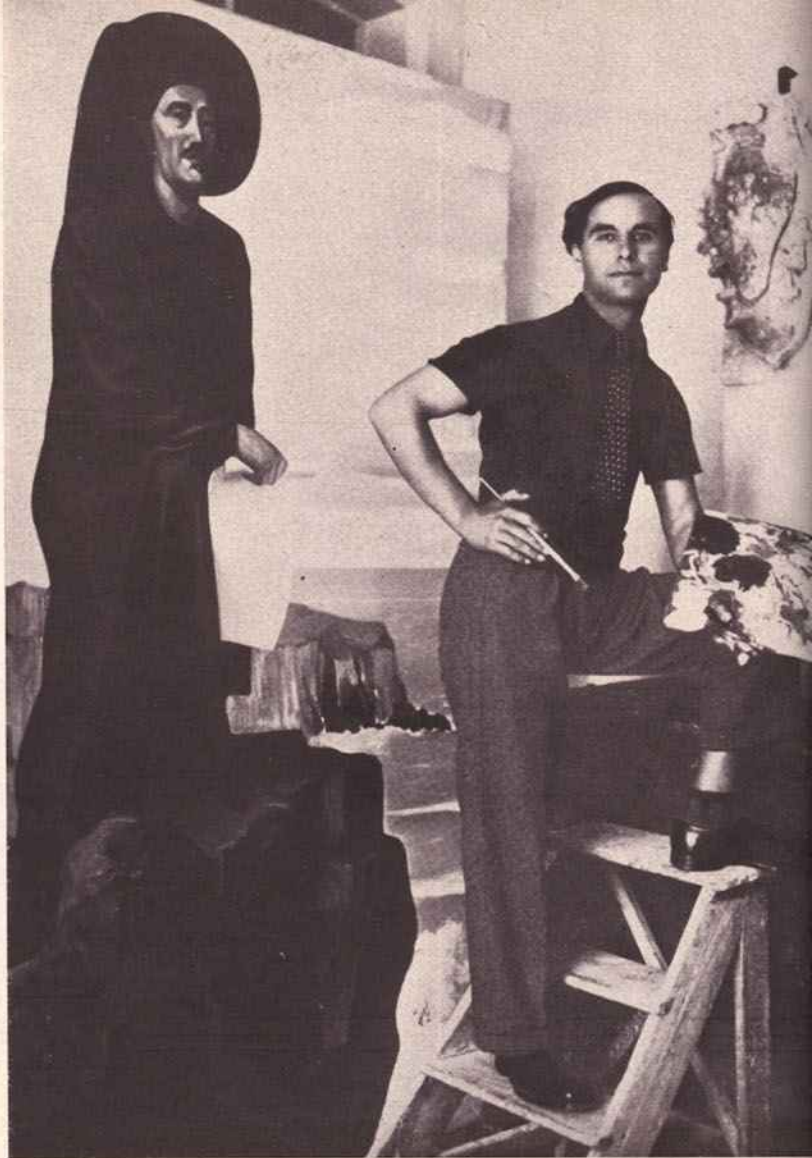
Uma polémica recente pôs novamente na tela da discussão pública a figura do Infante de Sagres. Não temos de cuidar disso aqui, pois a visão do historiador raro se identifica com a criação do artista. E é para esta que se requiere a vossa atenção.

Conheceis, certamente, o retrato clássico do Infante. Oliveira Martins interpretou-o assim sobre o testemunho de Azurara e do iluminador da sua crónica: Ouvi-a pela minha boca:

«Alto e corpulento, de largos e fortes membros, com a pele tostada pelos sóes e ventanias, os cabelos negros, espessos, rijos e empinados, um bigode farto, negro também chirsuto, este infante não era belo: pelo contrário. Faltava-lhe na fisionomia o encanto da bondade, sem o qual não há formosura. A dureza do seu olhar era antipática. Descendia directamente do pai, no qual se vira um exemplar acabado do temperamento inérgico e tenaz, sem poesia que sabe aliar a violência à estúcia quando o propósito formado o reclama para atingir um fim: do puro temperamento português, ou beirão, com traços de inergia taurina. A vontade manda exclusivamente em homens destes, pouco dados à contemplação. Formado um plano, delineada uma vida, todas as energias animais são escravizadas, e o homem torna-se o instrumento do próprio designio.»

«Não tinha a impassibilidade olímpica: não podia ter esse condão dos apáticos. O seu temperamento fervia, mas, como portador duma ideia ardentemente criada, se o seu gesto era socegado e a sua palavra mansa, também o seu génio era constante nos casos adversos e alheio inteiramente à vaidade da gente débil. Modesto, como os fortes são sempre, por não carecerem de ostentações que os mantenham erectos, o infante era-o também por ser asceta. Casto e abstémio, ... jejuava meio ano. Tinha mera vida interior absorvente que escusava as afirmações externas; essenciais para o comum dos homens. Sem meiguice, nem encanto de espécie alguma no aspecto, nem no génio, reservado, vagaroso no dizer, distraído, quasi misantropo, os contemporâneos levavam com acerto essa falta de qualidades agradáveis ao senhorio que a freima havia em sua compleição, ou à enliação da sua vontade movida a algum certo fim aos homens não conhecidos».

Se me perguntais se este retrato é fiel e no qual o historiador foi grandemente artista, só posso dizer que é muito difícil compreender a alma dum homem do século xv, e sobretudo quando trespassa a craveira comum. Escapa-nos alguma coisa da sua humanidade própria, pois o nosso juizo só forçadamente abstrai da sua posição na História, que é já por si um juizo também. O artista ainda que busque o testemunho, vê sobretudo pela sua intuição, e quantas vezes o escândalo da obra provém desta não conformação com o testemunho existente. Escandalosas foram algumas das obras de Rodin e mais pró-



ximo do nosso tempo, escandaloso foi o monumento de Barlach aos mortos da guerra. E contudo; o que aí há é humanidade profunda adivinhada por artistas de humaníssima sensibilidade, que nem por andarem de olhos postos nas estrêlas esquecem ou desconhecem o Homem eterno.

Nem por ser um predestinado o Infante foi menos homem, nas suas antiedades e nos seus esforços, na fidelidade a si mesmo e à sua alma.

«O que caracteriza o predestinado dum povo, o homem que encarna um povo na sua história, genialmente, é isso de vê-lo fiel a si mesmo, isto é, fiel ao seu próprio povo, ainda quando as circunstâncias o colocam em conjuncturas contrárias e hostis a tal fidelidade» — diz Giménez Caballero.

É essa vida interior absorvente de asceta numa das suas manifestações mais raras do génio nacional que o pintor Guilherme Felipe entreviu na luz que rodeia o artista, que é o próprio sonho, vasado na tela numa insatisfação consciente e misteriosa quão misteriosos são os recessos da criação artística. O pintor adivinha como o poeta e as formas quasi materiais da sua adivinhação ficam aquém da sua vida criadora, nunca transcendem — ou raro transcendem — esse limite espiritual, a sua ansiosa insatisfação pelo conhecimento da beleza que não morre e é perpétua tristeza. Se reflexo dessa luz que vem do alto se corporiza, então pode o Artista dizer como Corneille:

— *Je ne dois qu'à moi seul tout ma renommée.*
Possa Guilherme Felipe, nesta sua nova exposição, senti-lo intimamente, e senti-lo sobretudo no carinho daqueles que o vão ver nos momentos da sua inspiração de grande artista.

Manuel Lopes de Almeida

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



No Centro Espanhol — Comemorou solenemente as suas bodas de prata o Centro Espanhol com um bode a 200 pobres e uma sessão presidida pelo sr. encarregado de Negócios de Espanha, secretariado pelo presidente da direcção daquela colectividade, sr. Bueno Ventura Ferrer, pelo consul geral sr. D. Ramon Abella e pelo representante do presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal sr. Manuel Vaz Ferreira de Andrade, falaram os srs. encarregado de Negócios, e presidente da direcção, e representantes da C. M. L., da Câmara do Comércio Espanhola, da Associação Galega, da Associação Industrial, da Federação das Sociedades de Recreio e a senhora Varela Cid, presidente da Beneficência Espanhola

Figuras e Factos



Uma Exposição de Pintura — Na Sociedade de Propaganda de Portugal expoz alguns dos seus quadros — óleos e aguarelas — o nável artista Severo Pires Marinho. A exposição foi inaugurada pelo sr. Presidente da República, que foi recebido pelos directores da Sociedade, srs. conde de Penha Garcia, dr. José Lino, dr. Eduardo Neves e D. Alberto Bramão. O sr. general Carmona adquiriu uma das telas expostas e teve para o moço pintor palavras de incitamento, animando-o a prosseguir nos seus trabalhos



Almoço de confraternização — Em Setubal, no Restaurant Club Naval, realizou-se, ha dias, um almoço de confraternização do curso médico 1918-1919. Trocaram-se amistosos brindes, tendo-se recordado factos passados durante o tempo do estudo, tempo que não volta... Após o banquete efectuou-se um passeio pela cidade e arredores, que decorreu muito animado



Arte cubana — Está entre nós, tendo dado algumas exhibições no Teatro Nacional e no Casino do Estoril, a notavel recitadora cubana Dalia Miguez, que declamou primorosamente versos de poetas espanhóis e cubanos. Acompanha-a o distinto barítono Juan Pallido, que nos deu a conhecer as autênticas canções cubanas

Na Legação da Polónia — O sr. ministro da Polónia em Lisboa ofereceu um jantar em honra do sr. coronel Henrique de Campos Ferreira de Lima, que foi ultimamente agraciado, pelo governo daquele país, com a comenda da Ordem da «Polónia Renascida». Assistiram ao banquete, além do homenageado e de sua filha, os srs. Luiz Keil, consul da Polónia, e esposa, dr. Cesar Rebelo, Schwarz, esposa e filha, D. Rita Silberman, relatora da Imprensa da Legação, D. Melina Nybelman, secretária da Câmara Polaca, prof. Leon Kersivé Jachowrki e Margan Paszycwicz



UMA PRINCESA que não quiz ser rainha

A emancipação da mulher nota-se em todas as camadas sociais. Não é só na aristocracia, na burguesia, na classe popular que a mulher proclama a sua independência e o seu direito a escolher a sua vida. As princesas de sangue real, já hoje se não curvam à razão política e querem escolher a sua vida e fazer a sua felicidade. Uma das mais interessantes figuras de princesa moderna, é, sem dúvida, Yolanda de Saboia, condessa de Calvi di Bergolo, a filha primogénita dos reis de Itália.

Duma notável formosura, tem muito do tipo montenegrino, herdado de sua mãe a rainha Helena, filha do rei Nicolau do Montenegro, o célebre rei Nikita, que viveu sempre a mais simples vida de guerreiro e que não tinha mais luxo, nem mais bem estar de que qualquer outro dos seus súbditos abastados. A corte do Montenegro era talvez a mais simples de toda a Europa. A rainha Helena habituada a essa simplicidade incutiu em seus filhos o seu gosto pela vida familiar e é talvez a isso e também à energia herdada de seu avô o velho rei Nikita, que Yolanda conseguiu realizar a sua vida saltando por cima das razões de estado. A sua fisionomia doce iluminada por dois olhos negros e aveludados, não mostra na sua suavidade de expressão a energia de que é dotada, esta jovem mulher que aos vinte anos soube impor à corte e ao país o seu amor por um oficial de cavalaria. É um romance de outras épocas a vida dessa princesa, é um romance que nos mostra que há ainda almas de rapariga em que floresce um vivo sentimento e que o sabem impôr com a maior energia e tenacidade e que para o viver são capazes de dominar as mais difíceis situações. Almas fortes a quem a dificuldade a vencer, imprime uma mais forte resolução de o fazer, a quem a adversidade inspira meios para obter através de tudo a realização da sua vontade e do seu sonho. Filha primogénita de reis, bela, nova, instruída e inteligente, numerosos príncipes aspiravam à sua mão. Razões de estado levavam os políticos a estudar qual a aliança que mais convinha à Itália. O rei seu pai e pai extremosíssimo, amando a vida de família e tendo pelos

seus o mais entranhado carinho, estremeceria no pensar que entre esses príncipes teria de escolher, não talvez, aquele que pelo seu carácter, pelos seus gostos, pela sua maneira de ser fôsse o mais digno da sua filha, aquele que mais feliz a pudesse tornar, mas sim aquele que pela sua situação oferecesse com a sua aliança uma mais forte garantia à Itália, que estava acima da felicidade dum coração de rapariga.

Emquanto os políticos tendo á sua frente Mussolini o ditador férreo a quem a sua pátria tanto deve, mas que a governa com mão de aço escondida em luva de veludo, e o Rei, pensavam a maneira de casar a princezinha da maneira mais util ao país, ainda que não conforme nos seus gostos e aspirações, a sua cabecinha coroada de abundantes e negros cabelos e o seu coração cheio de idealismo da mocidade resolviam o assunto. Ela e sua irmã a princeza Matilde acompanhadas por suas damas faziam uma viagem pela Europa, terminando com essa viagem de estudo e prazer, a sua educação.

Londres o centro de arte, de luxo e elegância estava naturalmente indicado como um dos pontos dessa viagem. Á sua chegada a Londres as princezas foram cumprimentadas pela «equipe» de oficiais de cavalaria italiana, que ali estavam para tomar parte no concurso hipico que de ali a dias se realizava. A éie foram as princezas assistir. Yolanda uma das mais distintas amazonas de Italia, fervorosa apaixonada de equitação, foi assistir com o maior entusiasmo a esse concurso, em que tomavam parte os oficiais do seu país e, para cumulo de entusiasmo no fim da tarde, as côres que tremulavam no alto da bandeira eram as côres de Itália. O vencedor do concurso, um esbelto oficial italiano, o conde Calvi di Bergolo, que tinha batido os melhores cavaleiros de toda a Europa, depunha os seus louros os pés da princesa real, que vencida pela gentileza do cavaleiro e embriagada pelo triunfo do seu país lhe dava em troca, o seu coração de rapariga, cheio de ilusões, de ternura, de bondade e amor e ali ficou esboçado um pequeno romance, que teria despedaçado dois corações se Yolanda, a jovem princesa, habituada á submissão á seus pais, á obediência á pragmática e ás razões de estado, não encontrasse na sua alma a força de ancestralidade das rudes montenegrinas, que lhe permitiu lançar-se em combate contra o rei e o ditador que se opunham a esse casamento



A condessa Calvi di Bergolo, princesa Yolanda de Saboia

de amor com um capitão de cavalaria. Mas a todas as objeções a princesa obstinava-se numa feroz resistencia e com a sua teima e a força que o amor dá ás mais fracas, todas venceu e conseguiu realizar o seu ideal.

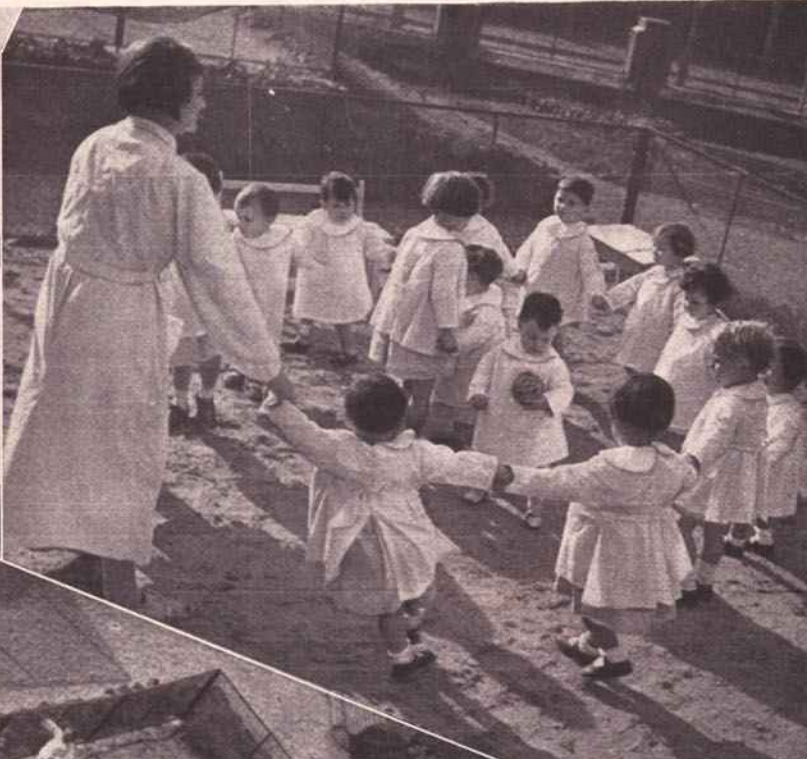
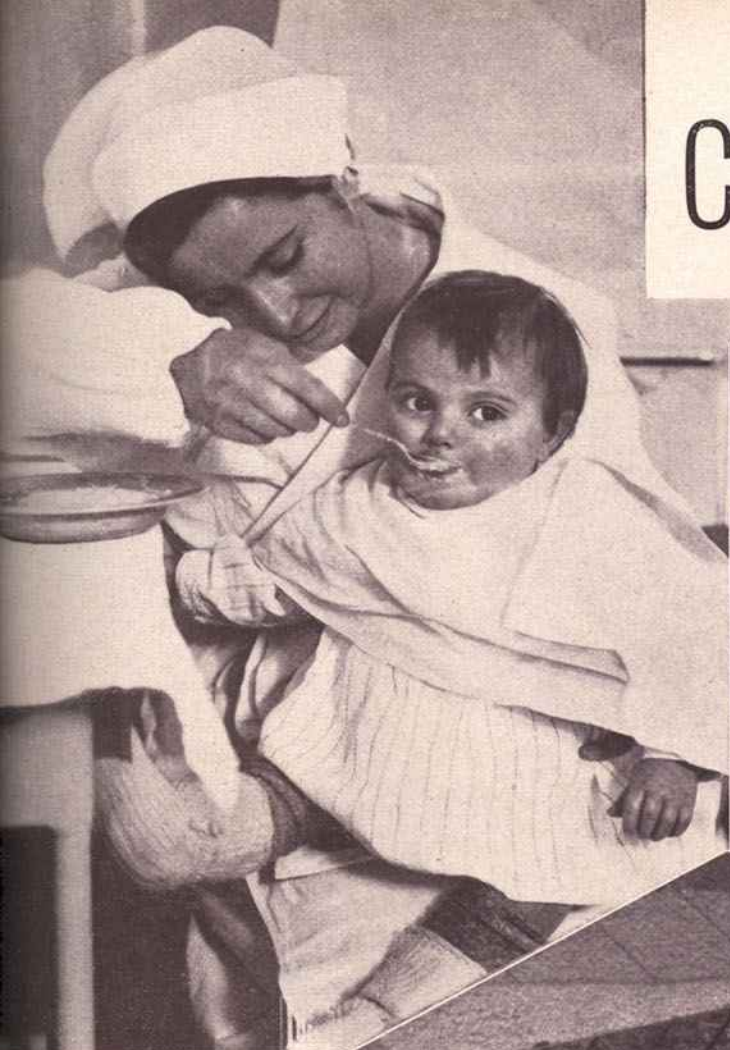
Casada com o conde Calvi di Bergolo, Yolanda sente-se feliz e não lamenta o lugar de rainha que hoje podia ocupar. Há-de viver na sua adorada Itália, com o homem que o seu coração escolheu e no seu palacete das margens do Pô em Turim, ela vive para o homem a quem entregou o seu destino e para os filhinhos que adora. Damos uma fotografia tirada no seu parque, em que a vemos com o rosto iluminado pelo amor maternal, brincando com a sua filhinha mais velha Ludovica. Á educação de seus filhos dedica o melhor do seu tempo, o que a não impede de ser, no inverno, uma das mais distintas amazonas nas célebres caçadas à raposa que tornam Roma a mais interessante estação de inverno para os amadores de equitação e que tanto amenizam a estada na cidade da arte e da história, fazendo de Roma a mais completa estação de inverno, pela vida artística, intelectual e desportiva que ali se pode fazer. Yolanda de Saboia, condessa Calvi di Bergol foi o tipo da rapariga que desdenhando ambições e honrarias preferiu o amor e a felicidade e é hoje a mulher que vivendo para o seu marido e para os seus filhos, sabe ser um exemplo admirável de educadora e de mãe extremosíssima. Com a sua energia ela venceu as razões de estado com a sua ternura ela eleva o mais belo monumento, um lar em que floresce o amor e se criam filhos belos e robustos.

Maria de Eça.



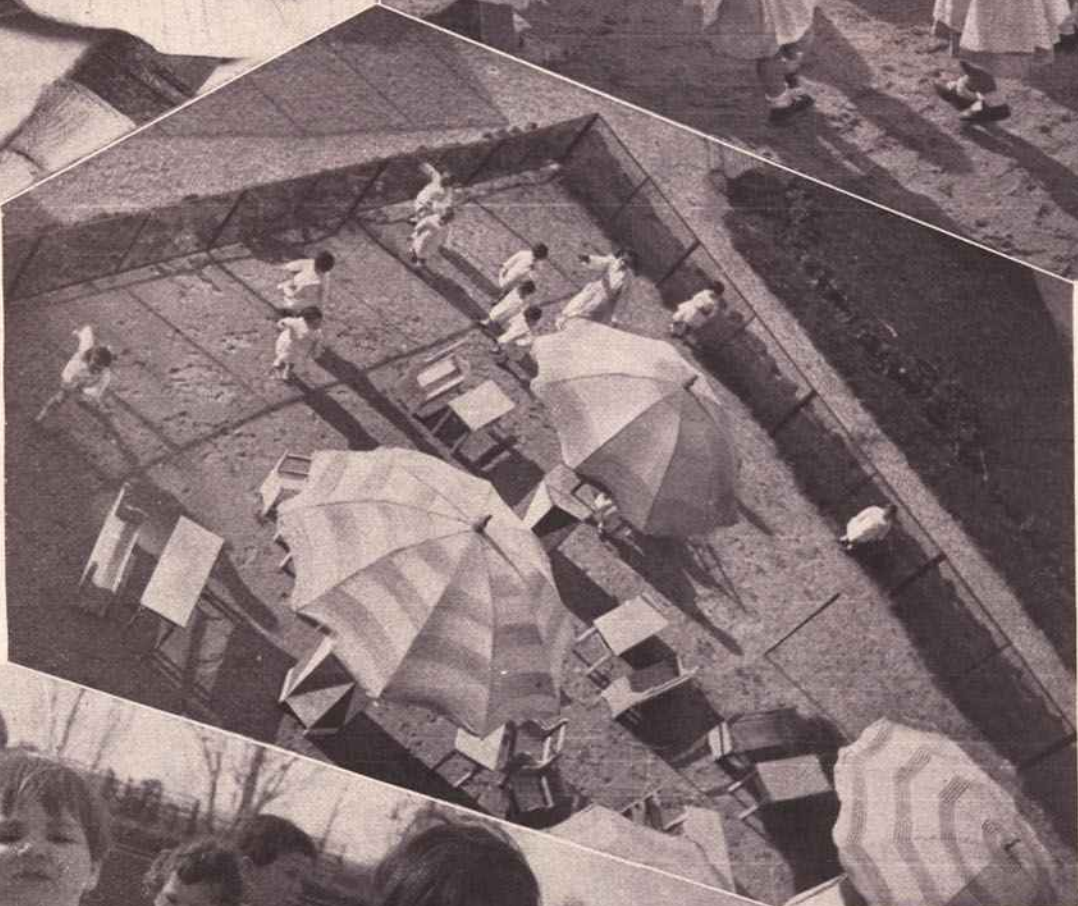
A princesa Yolanda com sua filha Maria Ludovica

Crianças felizes



Nos países em que a assistência materna e infantil adquiriu a proporção devida, que vem a ser determinada pela ciência, não há crianças infelizes. Mesmo a de procedência pobre, filha de operários, cresce e desenvolve-se ao ar e à luz com ar e asseio, acompanhada por vigilante instruída. Nenhum país excede neste momento em compensação e organização de Serviço Nacional, a Itália com a sua obra admirável «Maternità ed Infanzia».

Reproduzimos em imagens alguns quadros sugestivos do que essa boa iniciativa do



Estado promove e mantém em funcionamento. Filhos de operários, enquanto as mães se ocupam no trabalho de fábrica, brincam, são alimentadas com regra, crescem no gozo do prazer da vida.

Algumas fábricas possuem parques infantis destinados ao mesmo fim.



Conrad Veidt na primeira fase do «Judeu Errante» que se passa em Jerusalém

CINEMA

A LENDA ESTRANHA DO JUDEU ERRANTE

propósito que a morte o impediu de levar a efeito. Em Inglaterra, Shilly, Wordsworth e Southey escreveram poemas inspirados no seu estranho fadário. E já em nossos tempos, Eugene Sue fez dele o herói dum dos seus romances, Alexandre Arnoux escreveu uma auto-biografia imaginária do vagabundo e Temple Thurston consagrou-lhe uma discutida peça de teatro.

Já no tempo do cinema silencioso se fizera a adaptação desta peça ao teatro. Dirigiu-a Maurice Elvey e interpretou-a Matherers Lang. Desta vez os produtores ingleses confiaram a sua reposição no cinema ao mesmo realizador e escolheram para desempenhar o papel do sombrio herói o grande actor alemão Conrad Veidt.

O filme começa por nos mostrar Mathathias, um rico judeu, dilacerado, pela dor ante o cadáver da mulher que ama. Uma doença implacável arrebatara-lha ao seu carinho. Debalde apelara para o Messias, esse homem que o vulgo dizia fazer milagres, e que nessa tarde fôra crucificado. Tinha-lhe repondido com palavras de consolação, mas não a salvara. Colérico, juntara-se à multidão e fôra o primeiro a erguer a voz para pedir a libertação de Barrabaz e a morte de Cristo. Vira-o depois passar a caminho do suplício e cuspiu-lhe no rosto. Soaram-lhe ainda aos ouvidos as palavras terríveis do Redentor.

Jesus expirava no alto do Calvário. Judith, a mulher adorada, estava ali, junto d'ele, gelada pela morte. Para que servia viver? Mais valia acabar já com o seu martírio. Desnudou o peito, puxou do punhal e descarregou um golpe violento. Mas ante os seus olhos assombrados, a

Vítima da Inquisição em Sevilha, na última fase do filme em que tem fim o seu martírio



CONTA a lenda que na tarde da Paixão, quando Jesus Cristo subia vergado ao péso da cruz a dura ladeira do Calvário um homem, insensível à sua dor, o empurrou brutalmente, ao mesmo tempo que lhe lançava a cruel intimativa: «Caminha!»

Dos lábios mortificados de Cristo saíram então palavras de inexorável maldição. E a partir d'esse dia o Judeu Errante começou a vagar pelo mundo sem repouso. Debalde procurou a morte que o libertasse d'esse espantoso tormento. A maldição cumpria-se. Caminharia até à consumação dos séculos.

Esta lenda estranha tem hoje poucos crentes. Mas nem sempre assim foi. E os testemunhos sobre a existência d'esse eterno vagabundo são numerosos em algumas épocas da História.

Em 1228, por exemplo, um sacerdote arménio jurava sobre os Santos Evangelhos ter jantado em companhia do Judeu Errante. Fôra assim que viera a saber que ele não era judeu, mas romano ao serviço de Poncio Pilatos. Ao chegar aos cem anos desmaiara e quando recuperou os sentidos encontrou-se de novo com o vigor dos trinta anos.

Em 1547, o próprio Judeu Errante apareceu em Hamburgo. Dizia chamar-se Ashaverus e ter sido sapateiro em Jerusalém. Cristo apoiara-se à sua porta e, como ele o intimasse brutalmente a seguir o seu caminho, recebera em troca a terrível maldição.

Esse homem singular, que para muitos não passava dum impostor, fazia um relato permenorizado de todas as cenas a que dizia ter assistido. Conhecia várias línguas e ninguém o via jamais rir. Recusava-se firmemente a aceitar dinheiro. Em 1575 apareceu em Espanha, em 1599 em Viéna, em 1604 em França. Daí por diante o seu rasto perde-se.

Perpetuada de século em século, a lenda inspirou sempre os artistas. Existem diversos poemas em língua alemã que lhe são dedicados. O próprio Goethe anunciou a intenção de escrever uma obra sobre ele,

lâmina voou em estilhas. Não podia matar-se. A profecia começava a cumprir-se.

Foram decorrendo os anos, passaram-se séculos. Surgiram e desapareceram reinos poderosos. As gerações desfilarão perante ele, sem compreender o seu tormento. Em toda a parte, em todos os tempos, a multidão olhava-o com hostilidade. E dominado por uma inquietação eterna, o Judeu Errante caminhava, caminhava sem cessar...

A Inquisição veio encontrá-lo em Sevilha. Era agora um médico reputado pela sua ciência, acumulada no decorrer dos séculos. Cuidava dos pobres e dos miseráveis e a fama da sua bondade espalhará-se por toda a Espanha.

A riqueza e a celebridade de que gozava, faziam d'ele uma presa apetecível para a Santa Inquisição. Submetido à tortura, compareceu depois perante o tribunal. Deus parecia ter-se apiedado finalmente do vagabundo. Face aos juizes, lançou-lhes o seu anatema, gritou-lhes o desgosto que Cristo sentiria ao ver como o seu nome era invocado na Terra. Propuseram-lhe abjurar. Recusou. Para ele só havia uma libertação possível: a morte.

Numa tarde luminosa, levaram-no à praça onde ia realizar-se o auto-de-fé. Ataram-no ao poste. Acenderam-se os archotes. Mas o céu, até aí límpido, cobriu-se de pesadas nuvens. Um a um os archotes apagaram-se. O Judeu Errante sentiu uma esperança enorme apoderar-se d'ele. Um relâmpago desceu do espaço e fulminou-o. Tombou-lhe sobre o peito a cabeça. Descançava, enfim.

A multidão perante este prodígio começava a agitar-se. A palavra milagre andava já em todas as bocas. Pouco faltava para que o proclamassem um santo. Então a uma ordem breve do Grande Inquisidor, os carrascos tornaram a atear o fogo. E as labaredas envolveram o rosto sereno do Judeu, a quem Deus perdoara finalmente.



O Judeu Errante, como cavaleiro da primeira cruzada contra os infiéis



Negociante de joias na cidade de Palermo, durante o século XIII

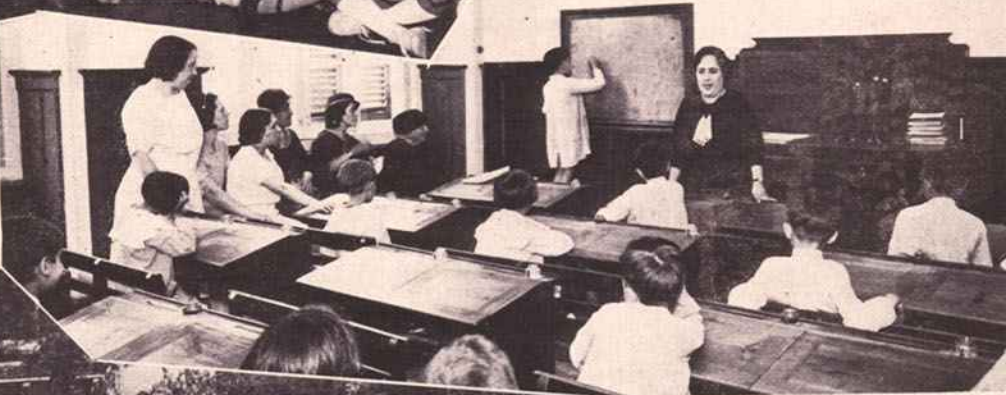


As provas finais no Jardim-Escola João de Deus



AO ALTO: Um grupo de crianças do Jardim-Escola João de Deus correndo alegremente no "recreio" durante um dos intervalos das provas

EM CIMA: A sr.^a D. Guilhermina Battaglia Ramos, viúva do grande poeta e pedagogo João de Deus, no meio dos alunos do modelar estabelecimento de ensino



EM CIMA: O júri, composto pelas sr.^{as} D. Guilhermina Battaglia Ramos, D. Georgina Marques e D. Custódia Maria Barroso, examinando uma das crianças



À ESQUERDA: A professora, sr.^a D. Maria Amélia do Amaral Bonito, dirigindo uma dança ao ar livre

EM BAIXO: O corpo docente do Jardim-Escola — que é composto pelas professoras sr.^{as} D. Maria Francisca Vargues (regente), D. Fernanda Ivone Neves, D. Maria Emília de Figueiredo e D. Maria Amélia do Amaral Bonito — o júri que presidiu às provas e as crianças que prestaram, este ano, provas finais



ILUSTRAÇÃO

A NOVA ESQUADRA

O contra-torpedeiro

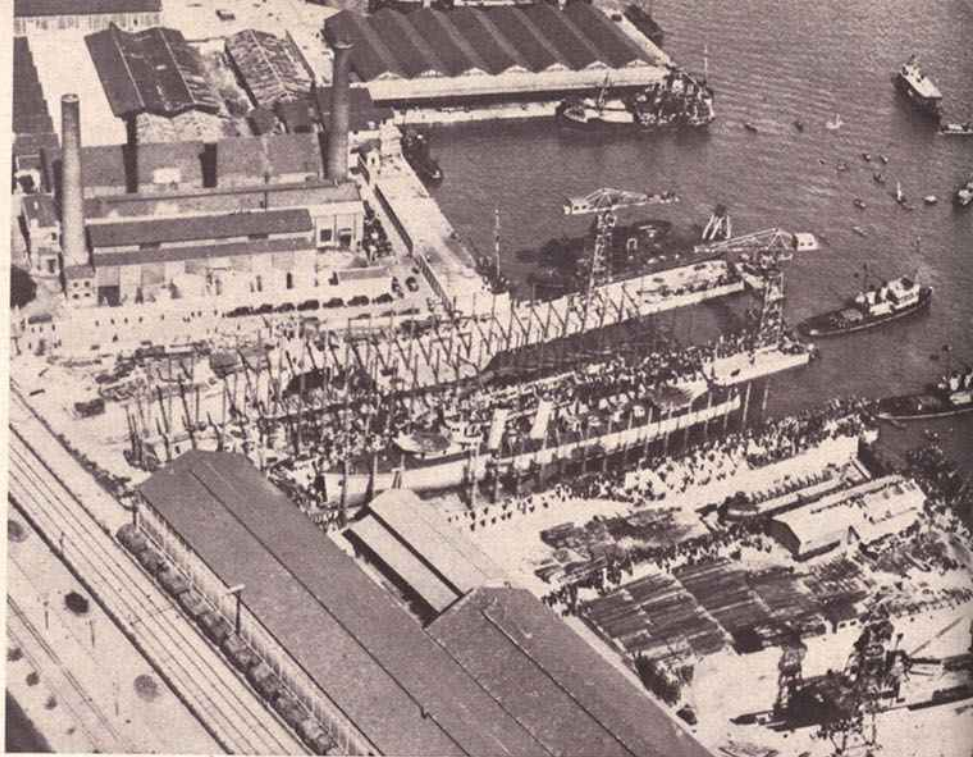
DÃO

foi lançado à água
perante uma assistência
de milhares de pessoas

REVESTIU-SE de grande solenidade a cerimónia do lançamento à água do novo contra-torpedeiro «Dão», realizada no passado dia 28, nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais, perante uma assistência computada em alguns milhares de pessoas.

O elemento oficial fêz-se representar largamente, tendo presidido ao acto o sr. dr. Oliveira Salazar e assistindo quasi todo o govêrno, altos comandos navais e militares, muitos membros do Corpo Diplomático, alto funcionalismo civil, muitas senhoras, etc.

Depois de dar entrada nos estaleiros, onde foi recebido pelo seu director engenheiro, sr. Maurice Tabar, o chefe do



govêrno subiu para a tribuna de honra, elevada junto à prôa do novo barco, donde pronunciou, através da Emissora Nacional, uma breve alocução de homenagem ao trabalho português.

Seguidamente quebrou, contra a prôa do contra-torpedeiro, uma garrafa de vinho do Dão, começando o belo barco, nesse momento, o deslizar pela carreira. Uma companhia de Marinha apresentou armas e algumas bandas militares executaram a «Portuguesa». A multidão

O «Dão» no momento de entrar na água, vindo-se à direita, o aviso «Carvalho Araújo» a salvar a nova unidade naval

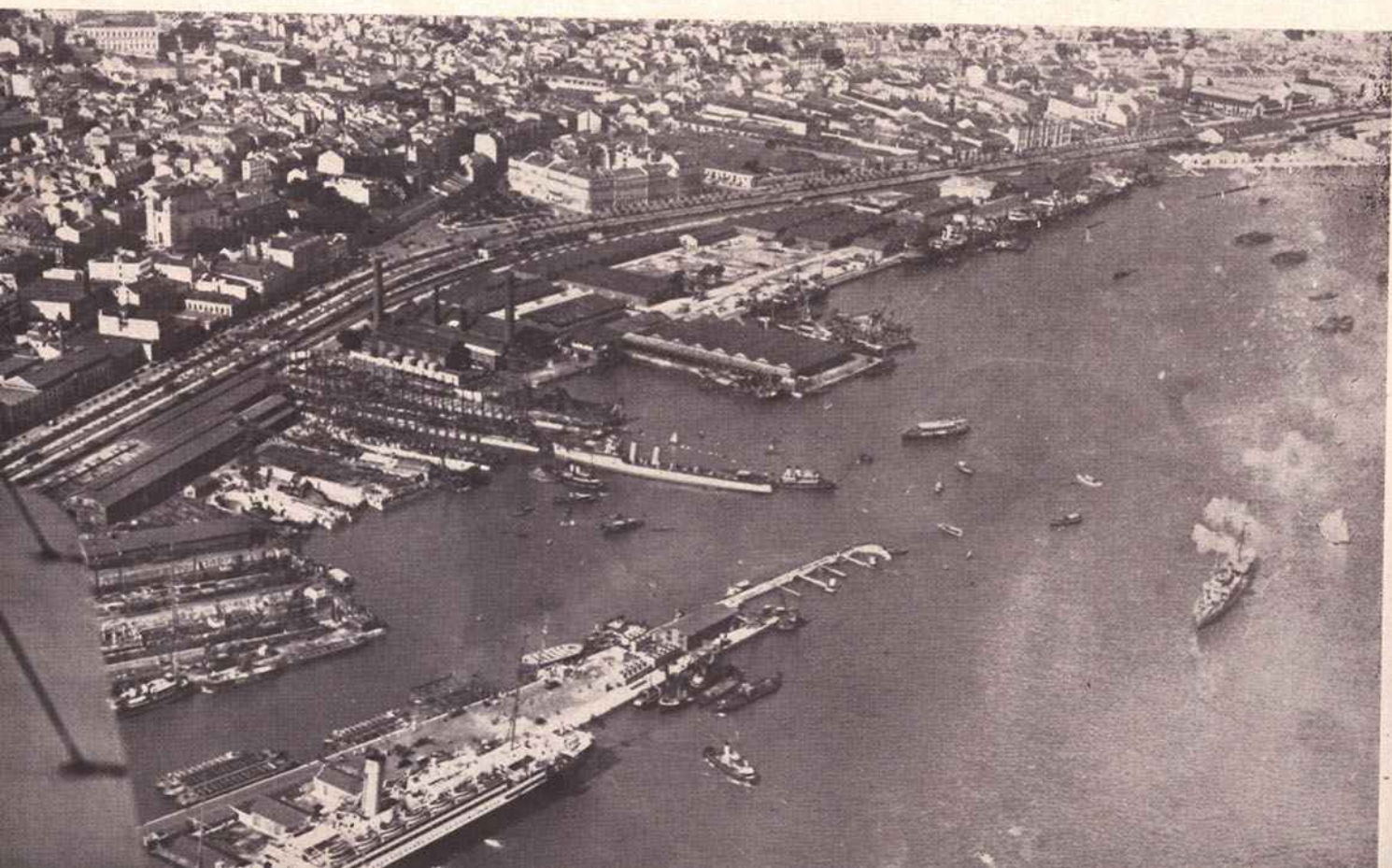
(Foto do tenente-aviador Humberto Pais, do G. E. A. R.)

O novo barco de guerra, rodeado pelo povo, antes do lançamento

(Foto do tenente-aviador Humberto Pais, do G. E. A. R.)

irrompeu manifestações entusiásticas e o «Dão», embandeirado em arco, foi descendo, vagaroso, pela carreira e entrou elegantemente nas águas do Tejo.

No rio, em frente dos estaleiros, o aviso «Carvalho de Araújo» salvava com 21 tiros, ao novo barco da esquadra. As sereias de todos os navios silvavam festivamente, enquanto um avião da Amadora, fazia evoluções a pouca altura e o Orfeão de Lisboa cantava estrofes dos «Luziadas». Logo que o «Dão» entrou





Formosíssimo contra-luz, tirado na ocasião em que o novo barco é rebocado para o seu ancoradouro

(Foto do tenente-aviador Humberto Pais, do G. E. A. R.)

na água, dois rebocadores pegaram-lhe pela proa e pela pôpa e levaram-no para o molhe dos estaleiros.

E o povo foi depois saíndo do recinto durante cêrca de uma hora.

À noite, o engenheiro sr. Maurice Tabar e sua esposa, ofereceram um banquete comemorativo do lançamento do «Dão», ao qual assistiram, com suas esposas, os srs.: comandante Azevedo Franco, 1.^o tenentes engenheiros construtores navais Valente de Almeida e Pessoa, engenheiro Gago de Medeiros (visconde de Botelho), Stanyard, Eduardo Pinto Basto, Tomaz Pinto Basto e Vasco Pinto Basto e o nosso camarada Maurício de Oliveira. Aos brindes, trocaram-se affectuosas saudações a propósito do ressurgimento da Armada e do trabalho do operário português.

O novo barco de guerra faz parte do programa naval elaborado em 1930 pelo



Vista aérea dos estaleiros Yarrow, onde se estão construindo as caldeiras e outros apetrechamentos para os novos contra-torpedeiros

então ministro da Marinha sr. almirante Magalhães Correia.

Desloca 1.620 toneladas, mede 100 metros de comprimento, pode atingir a velocidade de 36 milhas à hora e é artilhado com 17 bocas de fogo entre ca-

nhões, lança-torpedos e lança bombas. As caldeiras são fornecidos pelos grandes estaleiros ingleses Yarrow, de Glasgow, colaborando desta forma a mão de obra estrangeira e nacional, na execução na nova esquadra. Todavia é já grande a parte das construções confiada à indústria nacional, sendo justo dizer que os nossos operários têm marcado pela perfeição e acabamento do seu trabalho.

São cinco os novos contra-torpedeiros deste tipo: «Vouga» e «Lima» já ao serviço; «Dão», agora lançado; «Tejo» em construção e «Douro» a começar dentro em breve.

Assistência ao jantar comemorativo do lançamento do «Dão», oferecido pelo engenheiro sr. Maurice Tabar e por sua esposa



Exames!



NO LICEU MARIA ANTONIA YAS DE CARVALHO — Enquanto uma aluna é interrogada, as outras esperam ansiosas a sua vez...



Exames!



INSTRUÇÃO PRIMARIA, 2.º GRADO — Um acto serio que abre ao pequeno estudante as portas do liceu... ou da vida pratica.

Digressão em "reporter" através das escolas e faculdades de Lisboa

EPOCA de exames. Dias de febril agitação, noites de angustiosa vigília. Primeiros episódios emocionantes com que se inicia a luta pela vida.

Recapitulam-se, à pressa, todos os conhecimentos adquiridos durante o ano lectivo. A memória é sujeita aos mais desesperados esforços. Há quem pretenda recuperar em alguns dias muitos meses de ociosidade. E, para muitas consciências, o remorso manifesta-se pela primeira vez sob a forma de arrependimento pelo tempo desperdiçado.

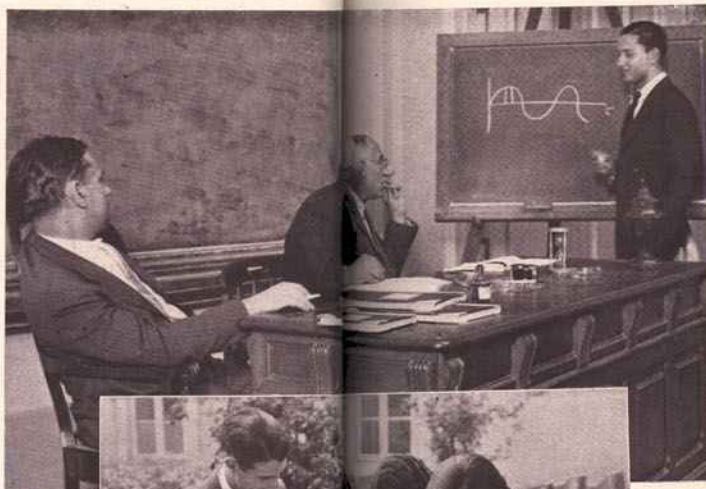
Há que pôr de parte, por alguns dias, os aspectos agradáveis e tentadores da vida. Deserta-se do bilhar, foge-se do café. Os problemas amorosos passam para segundo plano. Enfraquece o ardor sentimental dos namoros.

Semelhante à espada de Damócles, o exame impende sobre o estudante, domina toda a sua vida. Como por encanto, as declinações de latim ou as formulas matemáticas, consideradas até então com desprezo, recuperam todo o seu prestígio. E, quasi sempre pela primeira vez, os olhos percorrem atentos as páginas fastidiosas dos compêndios e tratados.

Nas escolas e faculdades, o ambiente

transforma-se, galvaniza-o uma vida nova! As aulas decorrem monótonas, pouco concorridas. Já se deu toda a matéria do programa e estes últimos dias são de expectativa. Em compensação, cá fora, os estudantes, agrupados ao longo dos pátios e corredores, conversam com animação, comunicam entre si os seus receios, as suas desconfianças. Fazem-se vaticínios e comentários nervosos. Alguns espíritos fortes blagueiam com pouca convicção. E um sopro penetrante de inquietação perpassa sobre todos.

Esta tragi-comédia clássica do exame tem dois protagonistas: um o examinando, outro o examinador. Ambos de defronta nêsse momento que para o primeiro é decisivo e para o segundo um episódio vulgar da sua vida de professor. O estudante comparece agitado, sempre receoso de imaginárias vinganças, de supostas antipatias ou favoritismos. Enquanto espera a sua vez de ser interrogado, tenta perscrutar a fisionomia do examinador, procura sondar o que se passa por trás dessa frente que a tradição manda que seja austera e impenetrável. Depois, ao sabor da sua fantasia, imagina-o a architectar as mais embara-



NA FACULDADE DE CIÊNCIAS: Ao centro — O reporter Carlos Soares interroga um aluno que sorria na sua interioridade...

A esquerda — Expectativa aguarda a uma das portas da velha Escola Politécnica...

çosas perguntas, empenhado em provocar as hesitações fatais. E, entretanto, o examinador calcula mentalmente o tempo que ainda terá de esperar, antes de chegar a casa, para substituir o fato incómodo pelo pijama fresco e trocar os sapatos por pantufas mais confortáveis.

E a seguir vem o momento supremo das perguntas e respostas. Para muitos, para quasi todos, é um instante crítico, que põe tremuras em todo o corpo e embarga a voz na garganta. As perguntas mais inocentes, o examinando vê abrirem-se ante si abismos sombrios que procuram tragá-lo. Em tudo presente um ardid, destinado a iludir a sua inexperiência, para o precipitar nos mais trágicos erros. E os minutos do interrogatório, ante a curiosidade inquieta dos condiscipulos, afiguram-se-lhe horas duma existência laboriosa.

No meio de tudo isto, aparece o bom aluno, o que no decorrer do ano mostrou melhor aproveitamento. E os outros relemem-se então em maior número para assistir ao seu exame. Invejamos-no, supõem-no isento de inquietações e angústias.

— Se eu soubesse o que êle sabe, estava descansado...

Para iussum! A emoção está na razão directa dos nervos e não dos conhecimentos. E, depois nunca se sabe... Basta um momento de infelicidade...

Há ainda um personagem acessório que vive intensamente este período de exames: é o pai do estudante. Esse consulta ansioso a lista dos jurys, persegue as pessoas conhecidas com pedidos de cartas de recomendação, dedica-se afanosamente a obter empenhos e procura estimular a actividade filial com promessas de brilhantes recompensas. Chegado o dia decisivo, fica à espera da noticia que o libertará duma preocupação ou que o condenará a passar outra vez pelos mesmos transeis.

E os resultados vêm, por fim, dissipar todas as dúvidas, destruir as últimas ilusões, espalhar a alegria e o desalento. Para uns é o começo duma vida nova ou mais um passo andado nêsse sentido. Para outros, é a "raposa", com todas as suas fatais consequências. E começa a sua fatídica regressão a casa apressados, ansiosos por comunicar a noticia, festejar o acontecimento e receber a prometida recompensa paterna. Os outros, menos felizes, egois-

NA FACULDADE DE CIÊNCIAS: A esquerda — Um último relance de olhos pelos livros de estudo.

NA FACULDADE DE DIREITO: A esquerda — Estuda o advogado quando aguarda o momento da comparecimento e promulgação de mandados.



ticamente abandonados à sua sorte pelos primeiros, voltam ao lar com passo varagoso, retardando quanto possível o momento da dolorosa revelação.

Todos os anos, por este tempo, essas cenas se repetem, entrecortadas de episódios picarescos e tristes. Gerações após gerações, perpassam trémulas ante o estrado dos examinadores. E, para quasi todos, é esse o primeiro contacto com as realidades emocionantes da vida.

Porque, afinal, os exames são uma imagem da vida, que acarinha uns e despreza outros. Com uma diferença apenas: na vida a todo o momento se corre risco de ficar reprovado, porque nenhuma classificação é definitiva.

A questão dos exames, reveste aspectos complexos de psicologia e pedagogia. Numerosos são os argumentos invocados para demonstrar as vantagens ou os inconvenientes dessas provas em que os examinadores devem apreciar, no decurso dum interrogatório, os conhecimentos adquiridos pelo aluno.

Para muitos, os inconvenientes sobrelevam as vantagens. Há que atender, acima de tudo, ao factor psicológico,

vez de preparar os espíritos para as múltiplas exigências da vida, o programa de estudos determina uma série de conhecimentos a fixar. Desenvolve-se deste modo a memória em detrimento da inteligência. Ora é princípio axiomático em psicologia que as inteligências mais maleáveis possuem uma maior capacidade de assimilação, mas que o seu poder de fixação varia na razão inversa dessa capacidade. Assim, um espírito dotado de restrito poder de compreensão fixará com mais dificuldade os conhecimentos, mas retê-los-á por mais tempo que outro mais favorecido. Num exame esta circunstância não pode ser também atendida. Como regra geral, o examinador tem de se limitar a verificar os conhecimentos arquivados na memória, sem poder investigar a preparação mental do aluno.

Estas razões bastam para demonstrar que a instituição dos exames não está acima das críticas e que a sua reforma é um facto a encarar num futuro mais ou menos distante.

Para terminar, cite-mos duas das muitas anedotas que se contam para amenizar a expectativa do fim do ano lectivo.



Na ESCOLA MÉDICA—Sob a égide, do grande mestre Plauto de Sousa os futuros médicos e médicos reviram a matéria estudada

—Um homicídio frustrado... homicídio frustrado... é...

Mas não atina com a definição, vacila e acaba por dizer:

—Explicar não sei, mas posso dar um exemplo.

—Diga então o exemplo—replica o professor.

—Pois bem. Um homem quer matar outro. Compra uma pistola e as respectivas balas, põe-se a uma esquina para lhe dar um tiro... e o outro não passa!

Agora outra, que prova que um dito de espírito não é incompatível com as piores calamidades.

Num exame de latim. O examinador diz ao aluno para conjugar o verbo *tango*, que significa tocar. Mas este não conseguiu, por mais esforços que faça, recordar-se da conjugação: *tango, tangis, tangere, tegiti, tactum*. Em vista disso, o professor manda-o sentar. E ante a certeza duma reprovação, o aluno comenta resignado:

—A culpa foi daquele maldito *tango*...



José dos Santos Lima

ACABA de vir a lume, numa graciosa plaquette, a interessante conferência que o nosso querido amigo sr. José dos Santos Lima realizou no «Rotary Clube de Lisboa» subordinada ao tema «O Vinho». É um estudo feito por quem conhece o assunto, e está cheio de ensinamentos úteis e de considerações baseadas em dados que, só por si, garantem o trabalho. São trinta páginas onde se definem as qualidades que um bom vinho deve possuir e nos dizem qual a influência que sob as mesmas têm as condições agrológicas do solo, do clima, das castas e da técnica usada na vinificação.



A colónia tabuense

A populosa e trabalhadora colónia tabuense de Lisboa reuniu-se num almoço de confraternização, que foi promovido pela Liga Regional Tabuense. Damos em cima a assistência à refeição. A mesa de honra era composta pelos srs. dr. Alberto Pinho, Aníbal Ferrão Pais, António Agostinho, Aníbal Ferrão, Joaquim Esteves Junior, Francisco Rodrigues Paiva, Joaquim Ribeiro da Cunha, Manuel Joaquim Pinto, João Alves Caserio e Aníbal Marques.

Dr. Augusto d'Ezaguy

NUMA cuidada edição foi, agora, posto à venda um estudo sobre a vida e a obra do célebre físico das Armadas Reais e autor do primeiro livro de medicina.



NOTÍCIAS DA QUINZENA

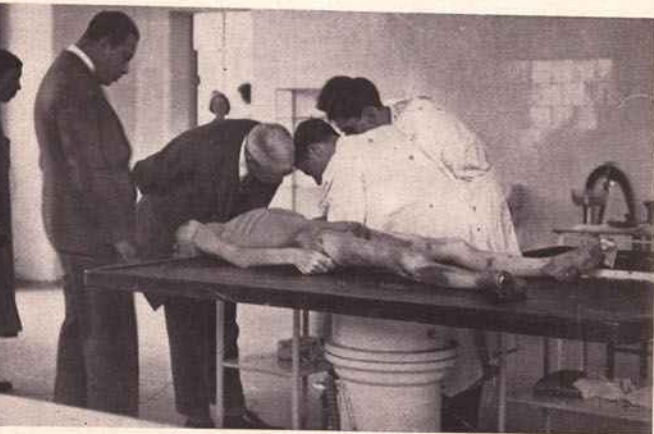
Dr. Octavio Mangabeira

ESTÁ em Lisboa, vindo de Paris e a caminho do Rio de Janeiro, o antigo ministro dos negócios estrangeiros brasileiro sr. dr. Octavio Mangabeira, um dos maiores amigos de Portugal em Terras de Santa Cruz. Em 1928, em virtude da sua notável acção em favor da lingua portuguesa—cujo uso tornou obrigatório por parte dos membros brasileiros aos Cons. ressus internos—autor do primeiro livro de medicina.



Na Faculdade de Direito

Na Sala de Actos da Faculdade de Direito prestaram provas de doutoramento em ciências histórico jurídicas os srs. drs. Palma Carlos—que se vê na gravura de baixo, ao centro, de capa e botina—Paulo Cunha e Cavaleiro de Ferreira. O Juri, a que presidia o sr. dr. Carneiro Pacheco, reitor da Universidade, era composto pelos srs. drs. Abel de Andrade, Pedro Martins, Pinto Coelho, Rocha Saraiva, Fernando Emílio da Silva, Barbosa de Magalhães, Vieira da Rocha, Jaime Gouveia e Marcelo Caetano.



Na ESCOLA MÉDICA—O illustre professor Augusto Montarido e o assistente Manoel Cidilio examinam, à porta fechada, três alunos da cadeira de medicina operatória

sistematicamente desprezado nos exames. Na realidade, um cérebro bem organizado e dotado de facultades de assimilação pode ser servido por nervos impressionáveis que o atraíam. É facto averiguado que excelentes estudantes fazem no exame mediocre figura, pela simples razão de se perturbarem com o ambiente excepcional que à sua volta se estabelece.

Há ainda a circunstância de o lapso de memória ou de conhecimentos que justifica a reprovação nada representar, muitas vezes, na formação mental do aluno. Mas neste ponto, a questão torna-se mais complexa ainda, porque contende com os sistemas de educação correntes. Em

O caso passa-se num exame de Direito penal. O examinando está a "estender-se" e o professor no desejo de o salvar dum "chumbo" decide fazer-lhe uma pergunta elementar, a fim de o deixar recobrar a serenidade:

Diga-me: que é um homicídio frustrado?

O aluno animado, vê ali a sua tábua de salvação.

Na ESCOLA MÉDICA—Momento antes do exame, os alunos da Medicina fazem provas sobre o futuro



VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«No São Luiz Cine»

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito no «São Luiz Cine», na tarde de 25 de Maio último, uma elegante festa de caridade, a favor da benemérita instituição de caridade Oficinas de S. José recebemos, com o pedido de publicação, as contas da mesma festa. «Receita» — Venda de bilhetes, programas e bolos — 9.725\$00. «Despesa» — 1.190\$00. Líquido entregue pela tesoureira sr.ª D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Câmara às Oficinas de S. José, 8.635\$00.

No Aviz Hotel.

Com chave de ouro encerrou-se na noite de 15 de Julho, último, no salão e jardim do Aviz Hotel, a «Semana do Vinho Verde», a bela iniciativa do Grémio do Minho, realisando-se um jantar dançante no salão de mês e um arraial minhoto no jardim fronteiro ao salão de mês, que nessa noite se encontrava febrilmente iluminado e no qual se fez a exhibição do rancho de Barcelos, que executou um primoroso programa de danças e cantos regionais, ostentando os seus típicos trajes. Fez-se também nessa noite a distribuição dos prémios da III Volta a Portugal em automóvel, levada a efeito pelos nossos colegas «Volante» e «Século». Terminada a distribuição e nos intervalos da exhibição do Rancho de Barcelos, dansou-se animadamente. Na assistência notavam-se, entre outras pessoas, as seguintes:

Ministro da marinha e D. Guida Auziella de Mesquita Guimarães, ministro de Portugal em Berlim e senhora de Veiga Simões, condesa de Castelo Mendo (António e D. Rita), Hugo Navarro de Andrade Belmarço e D. Maria

José de Barros da Costa Belmarço D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, Ernesto Seixas e D. Gert Cast Seixas, dr. Aveleiro de Faria, dr. Manuel Coutinho, Sena Pereira, esposa e filha, Pedro Bordoado Pinheiro, Carlos Eduardo Bleck e D. Maria José Lobo da Silveira Bleck, dr. Cincinato da Costa, comandante Dantas, Alvaro de Lacerda, João Ortigo Ramos Rocha Melo e D. América Rocha Melo e filha, António Felix da Costa, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Flora, D. Maria Amélia e D. Maria da Assunção Bastos do Amaral, D. Maria José Ortigo Burnay de Almeida Belo, D. Maria Isabel Bracamamp Freire (Americina), D. Maria Amélia Lima Santos Alpoim, Constantino Mouton Ozeiro, Virgílio Barroso, D. Sozana Andersen da Costa, A. Adam, Soares Mendes, Eduardo, Adolfo e José Ferrerinha, Octavio Belmar da Costa, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria Tereza Burnay de Verda (Malros), D. Maria Luiza de Serra e Moura de Lemos Lisboa, Alvaro Pesa de Aragão, António de Herédia, D. Berenice Rugeroni, José Garcez, António Fernandes, comandante Merycia Pinto, António de Almeida, Maria Pereira, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, Harri Rugeroni, Augusto P-card e filho, Kirby West, Adolfo Weiss, Salvador Coriê de Sá (Asseca), Jorge Cast Seixas, Américo Miranda, Jaime Gonçalves, Jean de S. Pavis, Colim Paterson, Francisco Bruno Herédia, Robert Kann, José Colos Andrez, Baptista Neiva, Carlos da Mota Marquer, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

Casamentos

Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Hopper Rueda, filha da sr.ª D. Beatriz Hopper Rueda e do oficial da armada e engenheiro civil sr. Manuel Gonzalez de Campos Rueda, com o sr. dr. Francisco Cabral Sacadura, filho da sr.ª D. Júlia Cabral Sacadura e do sr. Manuel Henriques Cabral. Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Eliza Barros Costa Sacadura e padrinhos os srs. professores Eduardo de Araújo Coelho e Costa Sacadura. Celebrou o acto religioso, o prior da freguezia reverendo António de Oliveira Reis, com no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche da pasteleria Marques, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Júlia Freitas Soeiro, filha da sr.ª D. Antónia Otília Gonçalves Freitas Soeiro, e do sr. Joaquim José Libanio Soeiro, já falecido, com o sr. dr. António Gonçalves Cidrães, filho da sr.ª D. Maria Violante Gonçalves Cidrães e do sr. dr. António dos Santos Cidrães, já falecidos.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D. Maria de Lourdes Gonçalves Cidrães e de padrinhos os srs. Raúl José Freitas Soeiro e José Joaquim Gonçalves.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche, partindo os noivos depois para Felgueiras.

— Na residência da mãe do noivo, realizou-se o casamento da sr.ª D. Leonor Colmeiro, filha da sr.ª D. Filomena Colmeiro e do sr. António Colmeiro, com o sr. Carlos Gameiro Santos, filho da sr.ª D. Capitoína Santos e do sr. Alfredo Santos, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Ernesto Camacho e D. Amélia Camacho e por parte do noivo, o sr. Júlio Santos, irmão do noivo, e a sr.ª D. Laura Carmo Santos, cunhada do noivo.

— Na paróquia dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Vitória de Figueiredo, filha da sr.ª D. Ermelinda Alexandre de Figueiredo e do sr. José Luiz de Figueiredo, com o sr. dr. Eduardo Franco Ferreira, filho da sr.ª D. Maria Isabel Franco Ferreira e do sr. Isauro

Casamento da sr.ª D. Leonor Colmeiro, com o sr. Carlos Gameiro Santos, realizado, há dias, na residência da mãe do noivo

Mário Ferreira. Foram madrinhas sr.ª D. Maria Benedita Alexandre Nunes



A sr.ª D. Vera Cast Seixas, e o sr. António Lima Mayer, por ocasião do seu casamento, realizado há semanas, na paróquia de Santa Maria, em Sintra

Vasco, tia da noiva e a mãe do noivo e padrinhos os pais do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo reverendo Guerreiro, de Evora, foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche, seguindo os noivos depois para o norte.

— Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Ana de Jesus Rebelo, filha da sr.ª D. Casemira Tavares, com o sr. Luiz Félix de Barros Júnior, filho da sr.ª D. Marcelina dos Santos Barros. e do sr. Luiz Félix de Barros.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Maria Vitória Perdigão Figueiredo e D. Francisca dos Santos Sobral e padrinhos os srs. dr. Henrique Ruas e Agostinho Tavares de Figueiredo.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguezia, cónego dr. Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na residência do padrinho da noiva, um lanche da pasteleria Marques, partindo os noivos depois para Matoteira, onde foram passar a lua de mel.

— Sendo celebrante o reverendo prior da freguezia, realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, o casamento da sr.ª D. Enriqueta Diaz de Trusta y Orive, filha da sr.ª D. Concepcion Diaz de Trusta y Orive e do sr. D. Alexandre Diaz de Trusta de la Vega, com o sr. Laureano Rubiñoz Dominguez, filho da sr.ª D. Luz Rubiñoz Dominguez e do sr. D. Amador Augusto Dominguez, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Acabada a cerimónia religiosa, foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche da pasteleria «Versailles», partindo os noivos depois para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuño.

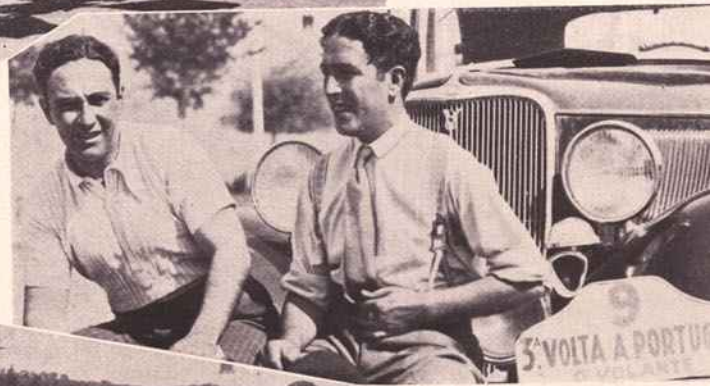
A quinzena desportiva



A SELECÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL — Vinda de Itália, onde disputou o Campeonato do mundo de «football», esteve entre nós a selecção brasileira, que jogou três desafios: com um «team» misto lidenenses-Benfica, com o Sporting e com o Foot ball Club do Porto. Alcançou duas vitórias e empatou com o campeão do norte. O grupo brasileiro, que já havia jogado em varios pontos da Europa, seguiu novamente para a Suíça onde fará mais jogos.



O 28.º ANIVERSÁRIO DO SPORTING CLUB DE PORTUGAL — Comemorando o seu 28.º aniversário, o Sporting Club de Portugal organizou, no Estádio, uma parada atlética. O porta-bandeira, sr. Jorge Leitão — um dos mais antigos sócios — acompanhado por estandartes das diversas filiais, que o Sporting tem espalhadas pelo País fóra, formaram ao centro do terreno, de frente para os camarotes, onde se encontravam os srs. Aguedo de Oliveira, sub-secretário do Estado das Finanças, e tenente-coronel João Luis de Moura, governador civil, além de outras entidades oficiais.



A III VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL — Com as provas suplementares realizadas no Parque Eduardo VII — 15 voltas — terminou, há dias, a III Volta a Portugal em automóvel, organizada pelo jornal «O Volante». A classificação final foi a seguinte: «Classe A» (até 1.500 de cilindrada): 1.º, dr. Manuel Queiroz e António Herédia, em «M. G.», com 76,745 pontos; 2.º, A. M. Adam, e H. Ruggeroni, em «M. G.», com 71,574; 3.º, Manuel Soares Mendes e Américo Morcira, em «M. G.», com 70. «Classe B» (mais de 1.500 de cilindrada): 1.º, Eduardo e Adolfo Ferrerinha, em «Ford», com 93,101; 2.º, Jorge Seixas e Virgílio Barroso, em «Ford», com 90; 3.º, Jaime Gonçalves, em «Ford», com 81,925. Damos, em cima, os automobilistas do norte — os irmãos Ferrerinha — considerados vencedores absolutos da Volta.



O II PORTO-LISBOA DE «HAND-BALL» — No Estádio jogou-se, no domingo 15 do mês passado, o II Porto-Lisboa de «hand-ball». Os portugueses, que haviam ganho o primeiro desafio, no Porto, por um grande «score», triunfaram novamente — por 5 a 4 — mas com dificuldade, beneficiados por uma má arbitragem.



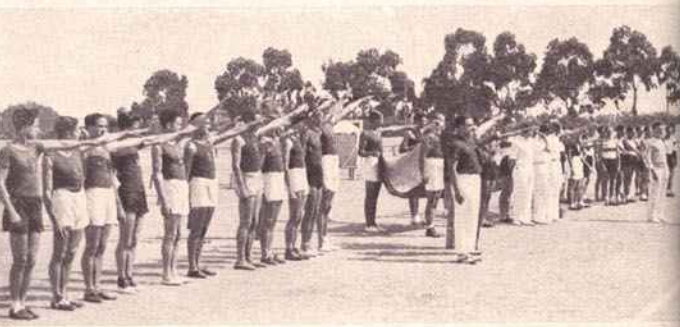
A tripla de galhardetes antes do início das provas atléticas

O atletismo lisboeta, amarrado há anos ao ramerrão das mesmas provas, pondo em competição os mesmos homens, tem vindo a acusar, para qualquer observador imparcial, sintomas evidentes de desinteresse e declínio.

A Associação de Atletismo de Lisboa, organizando com sacrifício o encontro com a selecção de Barcelona, veio em socorro do enfermo, proporcionando-lhe o estímulo de que ele precisava para reviver no agrado do público e no entusiasmo dos praticantes.

O resultado excedeu as nossas melhores aspirações, trazendo-nos uma lisongeira vitória internacional a compensar outros lamentáveis desaires precedentes.

A equipa portuguesa, triunfando pela escassa diferença de dois pontos, marcou uma posição digna e equivalente à verdade dos acontecimentos. Falharam-nos alguns homens, em tarde de pouca inspiração, mas também os catalães se apresentaram privados de valores interessantes, de maneira que podemos considerar a situação equilibrada.



As seleções Lisboa-Porto e Barcelona fazem a saiação olímpica

a sua presença a rigentes; assim é materialmente impossível.

vantagem para os nossos progressos, se o público ajudasse com os propósitos dos dirigentes; assim é materialmente impossível.

Os resultados foram satisfatórios, embora se não registassem proezas de grande classe. A melhor "performance" foi os 15^m, 50^s e ²/₅ de Adelino Tavares nos 5000 m. (794 p. na tabela finlandeza) e a mais fraca os 36^m, 72 de Herculano Mendes no lançamento do disco (617 p.). Seis outros resultados excedem o limite dos setecentos pontos: 11^m, ¹/₂ aos cem metros por Mário Pôrto, 16^s por Palhares Costa nos 110 m. barreiras (776 p.), 45^s pela equipe portuguesa de 4x100 m. (média de 11^s, 25 — 774 p.), 6^m, 84 em

← A chegada dos 100 metros do catalão Piferrer



Chegada da corrida dos 100 metros

PROVAS DE ATLETISMO

A selecção Lisboa-Pôrto

Ficou demonstrado que, nesta modalidade, podemos medir forças com os desportistas vizinhos, com tantas probabilidades de êxito como no foot-ball e bastante mais do que no rugby. O caminho traçado apresenta-se animador e as organizações semelhantes por certo se repetiriam com enorme

comprimento por Altafulla (762 p.), 800 m. em 2^m 2^s, ³/₅ por Piferrer (742 p.) e 200 m. em 23^s, ²/₅ por Sarsfield (711 p.).

A superioridade portuguesa afirmou-se em velocidade pura, em barreiras, em fundo; equilíbrio em lançamentos, vantagens adversária em velocidade prolongada, meio fundo e saltos.

O encontro forneceu-nos preciosas indicações sobre as possibilidades nacionais relativamente aos espanhóis, porquanto o bloco catalão deve ser considerado como o mais forte que hoje existe no país vizinho.

O atletismo basco e guipuzcoano, du-

derrotou a de Barcelona

plano lisongeiro no nosso historial desportivo.

Se a solução do encontro nos trouxe uma satisfação moral agradável, o conjunto dos resultados deu-nos também a desoladora certeza de não possuímos, actualmente, um único atleta de classe internacional.

António Sarsfield, em quem depositávamos as melhores esperanças numa possível representação honrosa nos Campeonatos da Europa, apresentou-se muito abaixo do seu valor passado, parecendo-

um bom segundo dos tempos de classe internacional.

Apesar dos esforços passados, resta infelizmente muito que trabalhar.

A organização das provas foi satisfatória, embora se lhe possa apontar a deficiência das informações ao público pela



A partida para os 100 metros femininos, uma das provas de maior êxito

-nos em excesso de treino, falho de influxo nervoso, com um estilo sem harmonia, brusco e difícil.

Mário Pôrto foi, incontestavelmente, o melhor sprinter em campo, perdendo os 200^m por falta de poder na conclusão do percurso, mas em evidente melhor condição física, embora o não julgemos capaz de atingir os resultados do Sarsfield de há dois anos.

Depois destes homens, apenas Palhares, que pode baixar ainda o seu tempo record, representa um valor positivo, mas ainda assim afastado

errada colocação do alto-falante, dirigido no sentido exactamente oposto a aquele que era conveniente. No entanto houve, em campo, uma falta grave e cujos efeitos prejudicaram os resultados de alguns seleccionados portugueses; não se compreende a ausência dum chefe de equipe técnico, que assistisse, orientasse e aconselhasse os homens.

Se tivesse havido alguém com autoridade moral e prestígio para aconselhar Garnel a tentar um lançamento do disco sem volta, José Prata de Lima a subir mais na chamada do salto em comprimento, ou Luiz Aguiar a aumentar a corrida para a barra, talvez estes atletas tivessem melhorado a sua classificação, muito inferior ao que merecem.

Lamentemos ainda uma decisão irregular do



Uma passagem dos 110m barreiras

May Norton (U. I. F.) vencedora dos saltos em altura



As equipas femininas do Internacional e do Ilie-nenses

juiz árbitro que proibiu o saltador Carlos Santos de colocar um sinal junto à tábua de chamada, violando a letra do artigo 28.º do Regulamento Internacional, referente às generalidades no capítulo Saltos, o qual diz nas suas duas últimas linhas: "O concorrente tem o direito de colocar marcas para balizar a corrida e, no salto em altura, um lenço sobre a barra para anunciar a visibilidade."

A registar ainda um protesto pouco elegante de Arevalo, acusando Sarsfield de despiste na curva dos 200^m quando uma fotografia providencialmente tomada no momento preciso em que reclama, mostra que o despistado é o seu conterrâneo Aracil.

Para concluir, uma informação inédita e que deve admirar todos os nossos leitores: tomámos pelo cronógrafo o tempo de cada um dos componentes da estafeta 4x400^m, e o melhor percurso foi de Domingos Mourinha com 55^s, ²/₅, Silveira 56^s e Marau 57^s, ²/₅.

Salazar Carreira.



COIMBRA

rouxinol do Mondego

As festas da Rainha Santa trouxeram mais uma vez a ridente cidade de Coimbra para o primeiro plano da nossa admiração, com as suas tricanas, e os seus estudantes.

Essas paragens de sonho onde a linda Ignês posta em socego amou e sofreu, por ter amado, o mais descarado e injusto castigo; essas margens rumorejantes do Mondego, que presenciaram o milagre de amor e de bondade mais surpreendente de que resa a lenda de todos os tempos, merece bem que nela demoremos hoje o nosso olhar e rebusquemos, por entre as suas naturais belezas, as belezas do espírito que por lá desabrocharam e desabrocham ainda.

Terra do amor, não podia deixar de ser um alfôbre de poetas — que ao dizer poeta amor se diz também.

Foi de lá que saíram êsses bardos admiráveis que se chamaram António Nobre e Augusto Gil, e alguns que ainda nossos olhos alegam chefiados por Eugénio de Castro, o singular cantor dos *Oaristos*.

E lá se está formando êsse autêntico poeta que Augusto Gil apresentou com palavras entusiásticas — Aristides Carmálio — que tem poesia nos versos e na alma.

Êle sente o que canta e só começa cantando, depois de ter vivido no seu fôro íntimo todas as notas da sua canção. Escreve-a primeiro no seu peito, e só depois a molha em tinta.

Hoje chama-se poeta a qualquer fazedor de frases que acabam sempre na mesma coisa e sempre do mesmo tamanho.

Logo que rimem e a medida esteja certa, aí temos nós mais um poeta.

Que os versos sejam ôcos de sentido ou sejam apenas um lugar comum, não faz mal, é poeta porque faz versos.

Para os de boa bôca, para aqueles a quem tudo serve de manjar.

Para os outros, os que sabem o que é sentir e vibrar, não!

São versejadores, poetas, não.

E eu, graças a Deus nosso Senhor, não tenho estômago, que é neste caso o espírito, para digerir tôdas as comidas.

Esses versejadores estão tão longe de um poeta, como um martirizador de barro está distante de um escultor que traduz no mármore e no bronze o pensamento e a vida.

Portanto, fica assente — e quem souber ou puder que me prove o contrário — fica assente que Aristides Carmálio é um poeta, um poeta que honra a moderna geração universitária desta Coimbra feliz



de onde saíram poetas que ficam nas letras portuguesas como padrões de glória.

O Livro de Carmálio ... *Levou-as o vento* ... que Teixeira de Pascoais e Fausto Guedes Teixeira louvaram, é um escrínio de beleza, de beleza inquietante e original, de uma beleza, que merece patente de invenção.

Tiro das suas páginas uma jóia *À luz de uma vela*, em que êle canta a poesia das coisas, essa poesia que nem todos entendem.

A morte gera sempre a vida e uma luz que morre acende nas almas mais luz.

Não só os estudantes pobresinhos, sem lampada e sem bico de gaz, os estudantes do côto de vela a derramar-se no gargalo de uma garrafa, como o seu cérebro se derrama nas páginas dos livros gastos de tanto lidos, hão de compreender esta elegia piedosa.

Mas todos e tôda a gente, tão clara e emotiva ela é:

À LUZ DE UMA VELA

*Sorri devagarinho,
F. vai sorrindo ...
Num doce olhar tam palido e tam lindo!*

E vai cantando a arder ... a arder baixinho.

*Tem medo: empalidece ...
E desabrocha em aureolada prece.*

*Palpita como quere:
— Ora sonhando a crescer ...
— Ora morrendo a viver ...
E resistir quem hade?*

*Prende como um sorriso de mulher.
Arde e braceja em plena liberdade!*

*Assim, assim a minha errante lira ...
Canta a sonhar e tremula suspira.*

*... Scismo e penso
No adeus perdido dum lenço ...
Já tam distante ... —!*

Aza mansa que fecha agonisante ...

*A noite é para a estrela rutilar,
E a tristeza é vergel, p'ra florir a alegria.*

*E a chama a irradiar
Numa defunta e candida anemia,
Comunga a morte pouco a pouco a delirar.*

*Meu Deus! naquela aspiração
Com lagrimas acende o pobre coração
E bruxoleando reza,
Reza a sua tristeza ...*

Alva agonia desgraçada e bela!

*E em dolorido acenar,
E nuns longes de magua e de luar ...
Treme e soluça e morre a minha vela!*

Com Aristides Carmálio, acaba-se a tradição do poeta pálido e olheirento, só pele e osso, cantando loas, como um cão vadio e cheio de fome uiva em noites de luar.

Carmálio é um rapaz forte, sadio como os seus versos, apesar dos laivos de tristeza que procuram ensombrá-los.

— "Então um poeta pôde ser como os outros homens?" perguntarão as meninas românticas agarradas à lenda antiga.

Pôde sim, minhas senhoras, pôde e deve! Também as aves cantam, amam e proliferam.

Chamei um dia a Teixeira de Pascoais o "Rouxinol do Marão" e encontrei em Aristides Carmálio o moderno "Rouxinol do Mondego", êsse veio d'água tão cantado testemunha de tanta jura d'amor e de tanta desdita amorosa, que Acacio de Paiva definiu assim, pela bôca da sua *Tricana*:

*"Ai Mondego! Ai confidente
De tanta hora imprudente!
Quanto segredo ao luar,
Quanto riso e quantas maguas
Tu levas nas tuas águas
Até às águas do mar!.."*

Coimbra, terra de amor e de milagre, eu te saúdo!

Mercedes Blasco.

PELAS SETE PARTIDAS DO MUNDO...



O 3.º filho dos reis belgas

Os reis da Bélgica baptisaram, há dias, o seu terceiro filho: Alberto. Tem o nome do avô. Seus irmãos: o príncipe herdeiro Baudouin e a princesa Carlota, estão encantados. A gravura, que publicamos acima, representa o primeiro retrato do príncipe Alberto da Bélgica. Havia nascido oito dias antes. Ainda não olhou a máquina... ou estava adoravelmente mecido.

O baptizado realizou-se na igreja de Saint-Jacques-sur-Coudenberg, que fica situada nas proximidades do palácio real de Bruxelas. Os pais assistiram à cerimónia. O novo príncipe de Liège foi levado ao colo da viscondessa Antshere. Os padrinhos foram os pequenos irmãos, que tomaram o seu papel muito a sério, tendo causado admiração o seu porte na igreja, quando das palavras proferidas pelo arcebispo de Bruxelas.



Novos sacerdotes

Na igreja de San Sulpício, em Paris, realizou-se, recentemente, a cerimónia da ordenação de vários sacerdotes, que alguns operadores cinematográficos, aproveitaram, pela primeira vez, para filmar. Presidiu ao acto solene o cardeal Verdier, arcebispo de Paris.

O maior avião

O «Maximo-Gorki» — novo aparelho russo — é o maior avião do mundo. Tem 8 motores de 850 cavalos cada. Transporta 70 passageiros e 1.200 quilos de carga e tem de envergadura 64 metros, mais 14 do que o D. O. X. Serve para fazer propaganda comercial entre as cidades russas e foi construído por subscrição pública. Custou mais de 6 milhões de rublos.



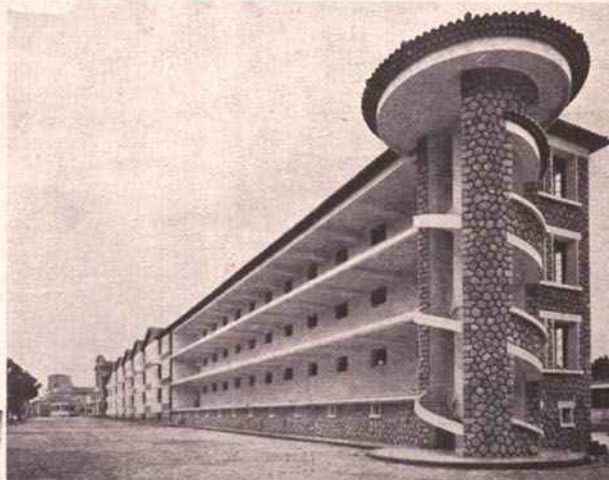
Belmonte

Voltou ao toureiro o grande Juan Belmonte... Foi o assunto das conversas e dos jornais taurinos nos últimos dias no país visinho. Reapareceu «el fenomeno» em Nîmes e trabalhou dias depois em Pamplona. Exito colossal. Orelhas e rabos... Há três anos que estava retirado. Os três quadros que reproduzimos acima são do pintor Zuñiga.



Prégando a paz...

Barthou — ministro dos estrangeiros francês — esteve na Roménia e na Jugoslávia. Naquele país visitou o Parlamento e falou da tribuna aos deputados romenos. Os laços de amizade da França com a Roménia mais ainda se apertaram... Nenhum estrangeiro ainda tinha falado daquele local, facto que foi registado.



Um sanatório modelo

A luta contra a tuberculose vai, dia a dia, tornando-se mais intensa em todo o mundo. Em Calas, França, acaba de ser inaugurado um sanatório modelar. Representa êle uma grande obra de higiene social. Quatro anos levou a sua construção. Pela gravura que publicamos, vê-se o curioso aspecto do «solarium» e da escadaria — ainda sem balaustrada — do novo sanatório.



Alfred Savoir

A dramaturgia francesa acaba de perder um dos seus maiores valores: Alfred Savoir. Autor de algumas dezenas de peças, muitas delas representadas entre nós, como «A gran-duquesa e o criado de quarto» e «A mulher do Barba-Azul», colaborou com grandes nomes da literatura francesa: Fernand Nozière, Abel Hermant, Etienne Rey, etc. A morte de Alfred Savoir deixa um lugar vago no teatro de «boulevard».



bem má figura posta em confronto com tanta mulher linda, como ela animada do desejo de triunfar, Griffith, um grande realizador, notou os seus modestos esforços e... aconselhou-a a desistir.

Se tivesse nascido noutra era mais recuada, Norma Shearer só teria um caminho: resignar-se com a partilha da beleza feita pelo destino. Mas numa época de inventos retumbantes e prodigiosos, o caso era diferente. Tinha por si uma vontade tenaz, persistente. A ciência veio em seu auxílio. E a mulher, empalidecida entre tantas, surgiu no pleno esplendor duma formosura radiosa. A sorte favorecera-a nos primeiros passos, e logo em seguida uma multidão de especialistas

NESTA época de portentosos inventos, a beleza deixou de ser um dom natural para se tornar uma realização científica.

Considerado na generalidade, o facto não é ainda aparente e a sua extensão escapa quasi sempre aos que o observam nos pormenores de que se rodeia.

Assim, ninguém ignora que a maquiagem se aperfeiçoa dia a dia, que a cirurgia estética se vai praticando largamente em todo o mundo culto, e que o cinema nos habituou às belezas artificiosas modeladas com mão de mestre. Mas poucos notam que a par disto tudo se vai desenvolvendo uma ciência complexa e subtil de transformação dos rostos e dos corpos. Essa ciência está na infância mas o seu futuro apresenta-se cheio de promessas. Os seus milagres vão-se tornando factos correntes. E, ante o nosso deslumbramento, os sábios, tornados escultores de matéria viva, remodelam, corrigem, transformam a obra da Natureza, dando relevo às feições inexpressivas, acentuando perfeições dissimuladas, descobrindo beleza onde só existia vulgaridade.

A ciência entrou, pois, ao serviço da galanteria feminina. E o cinema abunda em brilhantes exemplos de facto.

Norma Shearer é um desses exemplos. Nenhum dos seus biógrafos omite jamais a circunstância de ela ter vencido, na luta pela celebridade, uma penúria manifesta de dotes físicos. Por outras palavras: ao começar a sua carreira artística Norma Shearer era feia, tanto quanto pode sê-lo uma mulher no cortejo de formosuras que desfila pelos estúdios de Hollywood em busca de trabalho. Diz-se que tinha as pernas tortas e a sua fisionomia, duma inexpressiva regularidade de traços, fazia

tas se consagrara à tarefa de a arrancar à vulgaridade. O arco delgado das suas sobrancelhas foi longamente estudado, o contorno dos lábios foi objecto de profundas congeminções. Modificaram-lhe o penteado, corrigiram-lhe o nariz, alindaram-lhe a pele. E quando tudo ficou pronto havia uma Norma Shearer nova, que se desconhecia a si própria. Obra do engenho humano, saía das mãos dos subtils escultores dos encantos femininos transformada numa beleza tentadora.

Por isso, quando em "O preço dum beijo", Norma Shearer teve, por necessidade de argumento, de fazer um papel de mulher feia, conseguiu-o duma maneira impecável. Dado o desconto ao grotesco dessa figura, foi como se pusesse de lado a sua encantadora máscara de mulher formosa e nos aparecesse tal como a Natureza a fadara.

Ora este caso não é unico, mas até

ESCULTORES DE MATERIA VIVA

A ciência da transformação dos artistas de cinema

frequente. Poderia contar-se uma história semelhante a respeito de cada uma das "estrelas", mais apreciadas do Hollywood. Greta Garbo, por exemplo, ao partir para a América estava longe de ter o aspecto que o "écran" hoje consa-



grou. As fotografias da época são elucidativas a este respeito. E os que evocarem "A lenda de Gosta Berling" ou "A rua sem sol", poderão comprovar o facto.

A circunstância de a beleza se ter transformado numa conquista da ciência trouxe consigo uma consequência imprevisita. Visto que era possível remodelar à vontade uma fisionomia, nada mais fácil do que dar-lhe um determinado caracter. E, baseados nesse principio evidente, as mulheres começaram a afluír aos institutos de beleza para tomarem o aspecto físico que mais lhes agradava quasi sempre o duma "estrela". E principiam a surgir com profusão as Greta Garbo, as Clara Bow, as Joan Crawford. Um estabelecimento francês chegou a anunciar nos jornais a "a marlenização em duas horas". Em tão curto espaço de tempo, os técnicos desse instituto de beleza transformavam qualquer mulher numa sócia

de Marlene Diétrich, por um preço quanto possível módico.

Mas a opôr a este aspecto da questão, que parece significar a morte da personalidade e que nos pode dar, no futuro, uma humanidade monotona, composta



de quatro ou cinco tipos de mulher infinitamente repetidos, há o facto de a verdadeira ciência da maquiagem ter por objectivo o realce de tudo, que é particular e pessoal na mulher. De facto, a preocupação dominante dos mais reputados técnicos norte-americanos consiste em acentuar o caracter duma fisionomia em vez de se limitar a torná-la atraente ou bonita. Assim, a "petite bouche en coeur" fez a sua época e desapareceu. O que interessa hoje é que a boca seja expressiva, traduza uma sensibilidade. Veja-se a de Joan Crawford, por exemplo. É larga, de lábios espessos, com um recorte duro. Compare-se com uma fotografia antiga dessa artista. Nada tem de semelhante com o verdadeiro desenho da sua boca. E' mais bela? Talvez não. Mas é, sem dúvida nenhuma mais sugestiva, prende o olhar, excita o nosso interesse, tem personalidade em fim.

Apesar de menos correntia, a cirurgia estética vai entrando também no domínio do uso comum. Diversas actrizes do cinema a ela têm recorrido para remediar pequenos defeitos que o olhar experimentado e exigente do público não perdoaria. E já agora citemos Jack Dempsey, o famoso "boxeur", ex-campeão do mundo que antes de casar com Estella Taylor mandou compôr o nariz, seriamente avariado pelos punhos dos seus variados antagonistas.

Em resumo, tudo que à beleza física se refere tende a tomar o mesmo caracter de criação artificial, científica. As sobrancelhas desaparecem para dar lugar a um traço delgado e bem lançado. As próprias

ajuda a conservar a elegância da silhueta moderna e contribue para aclarar a pele.

Mas tudo isto são restos do passado. No fundo, estão todas convencidas que a sua beleza está nas mãos dos técnicos de maquiagem, infatigáveis em retocar dia a dia as suas esculturas vivas.

E isso compreende-se na América do Norte, país que vive em plena idolatria da ciência, melhor que em qualquer outra parte.

Resta dizer que nada há de novo sôbre a terra e a ciência do embelezamento não pode fugir a essa regra. Em todos os tempos, as mulheres procuraram alindar-se para dispartir entre si as atenções dos homens. A origem da maquiagem perde-se na noite dos tempos.

Quanto à cirurgia estética, o célebre dr. Voronoff no seu livro "Les Sources de la vie", diz que há três mil anos já os brahmanes da velha Índia praticavam enxertos com narizes de defuntos, nos criminosos a quem fôra amputado esse apêndice como castigo. No século xvi, um cirurgião italiano tornou-se célebre pela prática de operações semelhantes.

Mas só recentemente este ramo de actividade humana se desenvolveu com o caracter de verdadeira ciência. E os seus progressos têm sido tão surpreendentes que o autor dum livro recente sobre o assunto não hesitou em formular esta singular profecia:

"Dentro de vinte anos, a fealdade será tão inconveniente e censurável como a falta de asseio".

E, afinal, porque não, se a ciência puser à disposição dos menos favorecidos um meio eficaz e prático de alcançar a formosura?

pestanas cedem lugar a misteriosos filamentos prêsos às pálpebras por modo mais misterioso ainda. A boca alarga-se, sai fora dos limites que a natureza lhe impôs. A pele desaparece sob uma camada espessa de cremes e pós, quando não de esmalte. As unhas são substituídas por palhetas metálicas de cores que se ajustam à "toilette". E assim por diante.

A par disto, as "estrelas", de Hollywood mantêm certos hábitos simples, cheios de ingénuidade. Há as que usam papelotes para frisar os cabelos, outras que julgam evitar as rugas friccionando com saliva os sítios onde elas costumam aparecer. Muitas delas consideram segredo fundamental da sua beleza esfregar todas as manhãs o rosto com um pedaço de gelo envolto em gaze. E ao despertar nenhuma deixa de beber um copo de água com algumas gotas de sumo de limão, que, segundo é voz corrente,



DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRESA

Rádio-Notícias — Lisboa. — Está publicado o 1.^o número deste interessante jornal de rádio, referente ao mês de Junho findo. Agradável de aspecto gráfico, insere valiosa colaboração da especialidade, destacando-se dos seus artigos o subordinado ao título «As nossas válvulas Válea», no qual se descreve as características desta maravilha da rádio, cujos tipos mais recentes acabam de ser lançados no mercado. Aos nossos ilustres confrades senilistas recomendamos a leitura de *Rádio-Notícias*, certos de que dela colherão ensinamentos úteis e interessantes conhecimentos da matéria.

CORREIO

Tino de Óbidos e Ferjobatos — Lisboa. — Com muito prazer acusamos a recepção dos vossos artigos charadísticos, cuja publicação iniciamos, gostosamente, neste número.

APURAMENTOS

N.º 8

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

OLEGNA

N.º 14

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

IGNOTUS SUM

N.º 8

OUTRAS DISTINÇÕES

Vingador, n.º 13

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade
14 pontos:

Aço, Africanista, Alfredo Antunes, Antomar, Bisnau, Edilva, Ferjobatos, Jofete, Lérias, Linda Morena, Márius, Olho de Lince, Peca-dora, Rei dos Cow-Boys, Rui Helmingo, Rupama, Sácrista, Sinhá-Durol, Somel, Tino de Óbidos, Veiga, Zé Banana, Zica, Zuraya, (todos da T. E. L.); Anastácio, Auguebelo, Fernambelo, Hary, Leirbag, Lengueluca, Miquita, Miriam, V. Lilás, Xicantunes (todos da T. M.); Deniz Lima, Zé Nabo (ambos da T. E.).

QUADRO DE MÉRITO

Frá-Diávoló, Cantante & C.ª, 13. — Ocsav, Justa, Nélito, Viola (da T. C. B.), Ignotus Sum (T. C. B. e T. E.), 11.

DECIFRAÇÕES

1 — Douro - torar - doutorar.
2 — Pica-caro-picaro. 3 — Gentil-homem. 4 — Ganha-dinheiro. 5 — Doloso. 6 — De-penado. 7 — Nuelo-nulo.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 15

8 — FERNADA-PERDA. 9 — SÚCIA-SUA. 10 — GORA, TORA, gera, gota, goro. 11 — Endeusadamente. 12 — Por-ora. 13 — Anal. 14 — DEUS TARDA MAS NÃO FALTA.

NOVISSIMAS

1) Para matar *lagarta* até é bom que *aproveites* o auxílio do *selvagem*. 1-1-2.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

2) Contar com o que há-de vir é «um» pouco «arriscado». 3-2.

Lisboa Fernambelo

3) Couberam-me a mim por inteiro as graças da sua «boa disposição». 1-2.

Coimbra Frangerque

4) A *escora*, ou por outra, a base do monumento, é o seu *amparo*. 2-1.

Lisboa Lérias (T. E.)

SINCOPADAS

5) Todo aquele que está na *prisão*, só sente o desejo da liberdade. 3-2.

Lisboa Ferjobatos (T. E. L.)

6) Mal procedes se o *ananaz verde cortas*. 3-2.

Lisboa Olho de Lince (T. E. e T. E. L.)

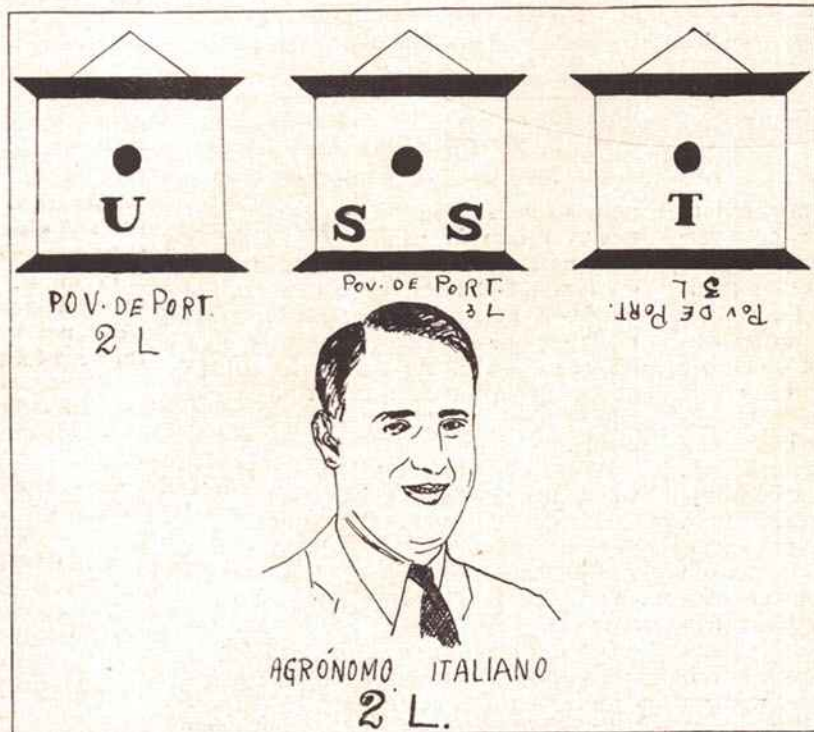
7) Pela «*espessura*» da carta se *avalia* a estam-pilha a aplicar. 3-2.

Lisboa Reinadio (S. C. L. e T. E.)

8) Quem gosta de *perfiilar* Trabalho esmerado, Deve ter o cuidado De muito bem o *tramar*. 3-2.

Luanda Ti-Beado

ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Ferjobatos (T. E. L.)

METAGRAMA

9) Encontrei uma *raiz*, vendia por uma *cheta*, vendo que era pouco *dinheiro*, para comprar uma *beca*, antes um *caete* quis. 4-5.
Lisboa Tino de Óbidos (T. E. L.)

EM VERSO

10) Tive amigo, fui amado...
— Tinha *dinheiro* aos montões! — 2
Tenazmente disputado
Por juvenis corações!...

... Mas da dita a correria
— Fatídico impulsivismo —
Suspenda! — bradou um dia — 1
Um arauto do abismo...

«La chance tourne», é bem certo
Como o vento: impunemente —
Tanto acode ao nosso aperto,
Como ri canalhamente!

— Pois se até sem a *devida*
advertência abalou!...
Desde então — tal é a vida! —
Tudo, tudo debandou...

V. S. Pôrto-Bié Efonsa

DIVAGANDO

(Ao insigne figuradista «Dr. Sinal», agradecendo, pela parte que me toca, o seu figurado inserto num dos últimos números do «Magazine Bertrand»)

11) Se no Mundo houvesse ainda a escravatura,
Eu teria uma ténue esperança:
Resgatar a mimosa criatura,
Alva estrela da bem-aventurança...

Mas, esta desgraçada desventura,
Que me persegue e que quasi me alcança,
Torna-se algoz da ténue aliança,
Que triste me conduz á sepultura...

Avisto o destino... aspecto funério... — 1
Procuro desvendar o atroz mistério,
E só te vejo a ti, meu doce amor... — 1

Sim, só a ti avisto, alma furtiva...
Vem, por Deus, sarar esta paixão viva,
Adorada e idolatrada Leonor!...

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

ENIGMAS EM VERSO

(Ao ilustre confrade «Ti-Beado»)

12) Ela: é choça
P'ró acoitar;
E até a sova
P'ró castigar.
Ele: o ser hábil,
Pessoa fina,
P'ró cativar
No aumentativo,
Tem a baliza
Para extremar;
E até a bola
Para jogar;
Música e dança
P'ró alegrar.

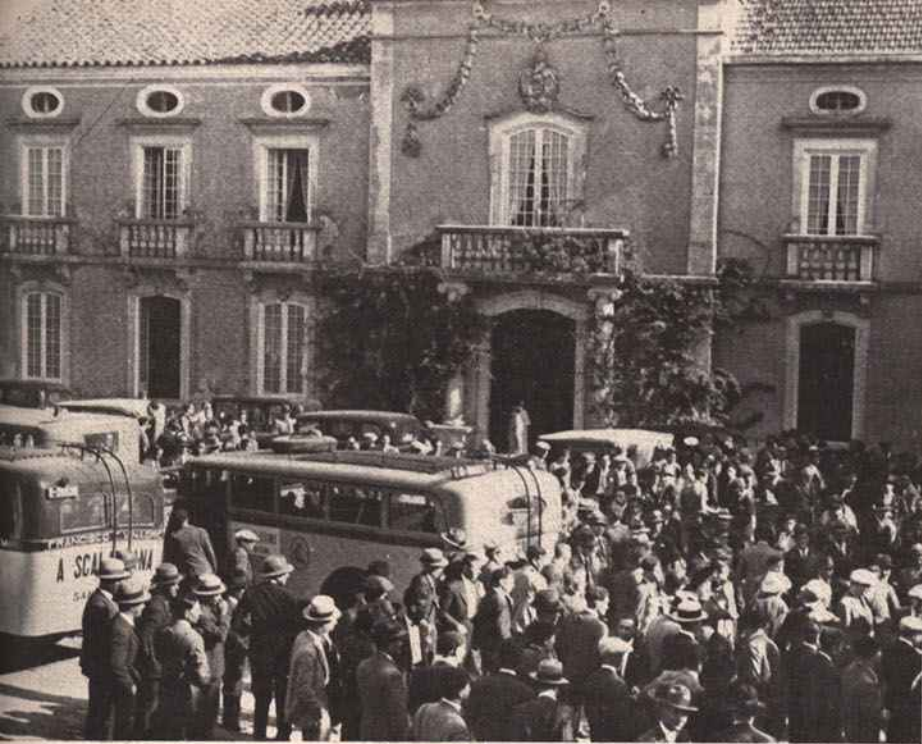
Lisboa Braz Cadunha.

13) ... Ei-la ali com a Maria...
Diz-me sempre o coração,
Antes que os olhos a vejam!
E eu, *bruto*, perca a razão!

V. S. Pôrto-Bié Efonsa

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BATISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

Uma festa de confraternização do pessoal de Lisboa e Porto da Companhia dos Telefones



Aos 450 empregados dos Telefones, que foram de visita à Figueira da Foz, reünir-se aos seus colegas do Pôrto, foi oferecido nas Gaeiras — propriedade do sr. Frederico Pinto Basto — uma primeira refeição, em mesas artisticamente improvisadas, naquela linda quinta. As gravuras mostram-nos a chegada ao palacete Pinto Basto, e dois aspectos da refeição. Na de baixo, vêem-se os srs. Lo-



weth, um dos funcionários superiores da Companhia e o nosso colega na imprensa sr. engenheiro Armando Ferreira, secretário geral. A viagem até à Figueira da Foz foi feita em 14 automoveis, 15 autocarros e muitas motos.

Aspecto que oferecia o vasto «hall» do Casino Peninsular da Figueira da Foz, onde se reüniram cerca de 650 empregados da Companhia dos Telefones de Lisboa e Pôrto. Presidiu o sr. Pope, administrador geral, e assistiram o administrador do conselho e o vice-presidente da Câmara, além dum representante dos Correios e Telégrafos. Da direcção estavam todos os membros: os srs. dr. Bento Carqueja, Rodrigo Peixoto, dr. Mário Pinheiro Chagas, Eduardo Pinto Basto e Frick.





lônia infantil, nas margens do lago de Garda, onde as crianças recebem o tratamento de que necessitam, segundo os seus organismos. Na Suíça vi numerosas colônias de crianças alemãs, que para ali iam fortificar-se nos puríssimos ares desse país, acampando em tendas e fazendo uma verdadeira vida primitiva, que muito contribua para desenvolver e tonificar as crianças. Em França os alunos das escolas oficiais têm garantida uma estada dum mês acompanhados de professores e professoras à beira-mar ou na montanha, sendo uma dessas colônias em Aigueblanche na Savoia.

Entre nós essa obra está ainda muito atrasada. E tendo nos arredores de Lisboa tantas e tão boas praias e campos de areia tão salutares só duas colônias existem e ambas de iniciativa particular. Uma é na Cruz Quebrada e das Juntas de Freguesia, muito bem organizada e muito para honrar os seus dirigentes, a outra em S. Pedro do Estoril é uma das mais lindas obras do jornal "O Século", cuja direção se ocupa tanto em obras de caridade. Conheço essa Colônia e sei os belos resultados que ela tem dado.

Crianças fraquíssimas e passando privações tiram ali os melhores resultados, fortificando-se e criando forças, resistindo melhor ao duro inverno e às suas consequências. Esta linda obra das Juntas de Freguesia e de "O Século", devia ser imitada por todas as coletividades e pelos particulares que o possam fazer, organizando festas e angariando socos para as multiplicar, auxiliando o governo estas iniciativas dum tão grande utilidade patriótica, e dum tão grande futuro. Esta é a verdadeira benemerência, aquela que tem resultados ótimos e que tende a um fim, revigorar a raça portuguesa, que foi das mais fortes e está hoje muito depauperada fisicamente.

São louáveis os esforços daqueles que começaram esta obra que deve ser auxiliada e continuada por todos. Colônias por toda a parte. Nas praias do Dafundo e Cascais, na Costa da Caparica para os que tenham resistência aos seus fortes ares. Nos campos dos arredores de Sintra, de Caneças, de Belas. Por toda a parte devia haver colônias onde as crianças pobres da capital podessem revigorar-se e ter ao menos um mês de vida feliz e sã a que tanto direito têm.

Maria de Eça.

A Moda

ESTAMOS na época em que a Moda quasi que não existe senão para a noite. De dia, nas praias, a moda é o «maillot», os vestidos de banho de sol, sem costas e quasi uma hipotese de vestido, e pode quasi dizer-se que a pele que se possui. Só para a noite se vêem vestidos ou alguma excursionista em automóvel, se veste. Damos para a noite um lindo

PÁGINAS A MULHER

modelo: é um vestido próprio para Casino e para noites de pequena cerimônia. A sua elegância está no seu corte e na simplicidade da sua linha. A sua originalidade, na guarnição bordada, que circunda a decote e na linda fecho que o acaba. Num novo tecido de «crêpe lamé» tem na beleza da fazenda a sutileza e a riqueza. É um lindo vestido do maior «chic» e elegância.

O outro vestido, também para Casino mas podendo ser usado num chá, é em setim ouro velho. A sua originalidade está nas mangas, dum feitio moderníssimo. Como cinto, uma trança do mesmo setim. Para excursão em automóvel, um gracioso vestido em «balaine» de quadradinhos brancos e azuis, acompanhado dum casaco «trois quart» azul escuro, fechado com um laço. O chapelinho em palha branca e azul escuro. Este modelo de Jeanne Lanvin tem, na sua simplicidade a maior utilidade prática. As mulheres já se não querem torrar ao sol e por isso este ano surgiram de novo os grandes chapéus, que são muito práticos e agradáveis. O modelo que hoje damos é de Molyneux. Em palha grossa, dum tom dourado, é guarnecido por uma fita de gros-grain e uma pena de faisão. É também muito interessante o colar que acompanha o chapéu e forma com ele um elegantíssimo conjunto. Em argolas douradas e argolas de madeira, forma uma corrente originalíssima que liga com a palha grossa e as cores do chapéu.

Fantasia

Se devemos julgar as modas londrinas pela leitura dos jornais de modas, vemos que este ano são um pouco singulares. Para o «auto» as senhoras não usam a boina basca que se usa por toda a parte mas sim o boné escossês. As pulseiras das elegantes, contêm perfumes e são da cor da flor de que são extraídas. Apertando a mão dum senhor sabe-se qual é o seu perfume e a sua flor preferida. Um pequeno número de estetas por em voga os frascos de licores e per-

lumes vasos convertidos em lampadas. Assim se iluminam ao cognac ou aos eflúvios dos perfumes do Oriente. O famoso «cocktail» já instalado nas casas burguesas está condenado. Os ingleses voltam ao «Sherry» das suas avós. Volta-se sempre aos primeiros amores. De dia os vestidos têm um pouco a forma de guarda-chuva fechado e voltado para baixo. Para a noite usam vestidos que parecem os das suas mãis ha trinta anos. Quanto aos abafos está em voga apanhar todos os gatos que se aborrecem nas entradas de serviço, entregá-los ao veterinário e em seguida ao peleiro, que se encarrega de os tornar no mais precioso «petit gris» que ha no mundo. Com a carestia das peles é uma economia. Estas informações exageradas são da «Independence Belge». As modas inglesas são em geral muito elegantes e distintas.

A mulher francesa

As donas de casa francesas, requerem que os arquitetos tenham mais atenções com elas e também o governo que tem opinião na causa. A «Liga das donas de casa francesas» exige a construção de casas que atenda às suas necessidades, e assim a sua presidente Madame Paulette Bernège, fez uma ampla lista dos inconvenientes de que sofrem as donas de casa nas habitações actuais. Em primeiro lugar declara-se guerra a todos os objectos de metal, às escadas, aos corredores, ao papel das paredes e a muitas outras coisas pouco práticas. Seis milhões de mulheres em França vão todos os dias trabalhar e quando voltam para casa, têm de se ocupar das creanças, preparar o jantar e fazer as outras obrigações da dona de casa. É indispensavel, que as habitações destas trabalhadoras sejam construídas segundo os princípios mais modernos e práticos. Esta declaração tem especial importância porque a lei Loucheur está já em acção e os edificios vão surgindo sob a fiscalização do governo. Nas novas construções

pode-se ter em conta todos os aperfeiçoamentos modernos dentro dos limites dum despejo não excessiva. Trata-se apenas dumas pequenas modificações que implicam numa enorme economia de energia para a mulher obrigada a trabalhar e a olhar pela sua casa.

Um uso interessante

A «Universidade viajante» americana organiza umas viagens muito interessantes. Ela compreende 62 estudantes de ambos os sexos que debaixo da direção dum dezena de professores, e, sob as ordens do decano, fazem a volta ao mundo sem interromper os seus estudos. Esta viagem de seis meses é-lhe contada para os cursos como dois semestres. Todos os anos partem de Nova-York, fazem a volta a Europa, oito dias como turistas, oito a mesa do estudo. Visitam museus, palácios históricos, campos de batalha, e depois fazem conferências sobre o que viram. Quem dirige este ensino ambulante adapta-se às circunstâncias. As matérias variam segundo os lugares, e tratam sobre tudo de história, arte, história das religiões, um pouco de economia política, sociologia e muita geografia. O decano afirma que esta experiência de reunir rapazes e raparigas que ainda não têm 20 anos, dá um ótimo resultado. As raparigas exercem nos seus companheiros a melhor influencia tanto no estudo, como nos costumes. A «Universidade Viajante» depois de percorrer a Europa segue para o Oriente num barco que lhe é reservado, e, regressa à América atravessando-a num continuo estudo. Estes estudantes nunca esquecerão a geografia que aprenderam.

Os «Albums» de família

A moda tem reviravoltas imprevistas. Um fotógrafo americano assegura que volta a moda dos «albums» de família. A mulher moderna — segundo esse fotógrafo — está tão satisfeita consigo própria, com a sua figura esguia, a sua cabeça encaracolada que se fotografa muito mais do que antigamente e isto exige «albums» de veludo ou de coiro, ornados de aplicações de

prata com iniciais gravadas. A pouco e pouco, desapareceram das salas para deixar o seu lugar aos «hibelots» modernos. No fim do século passado foi o auge do seu triunfo. As noivas recebiam-nos com prazer, como presente de núpcias, e alinhavam ali as efígies do noivo, da família, dos amigos e a sua própria, com o vestido da cerimônia. Ele hirtu na sua casaca, de chapéu alto, colarinho alto e luvas brancas; ela de vestido branco, de cauda, coberta com o longuíssimo veu, coroada da tradicional flor de lanranjeira.



É provável que o gosto moderno transforme o velho «album» num objecto artístico e luxuoso. Nas suas páginas alinhar-se-ão ainda fotografias de amigas e parentes, mas a sua encadernação artistica permitir-lhe-há fazer boa figura nas mesas dos mais elegantes salões. Será um velho amigo que volta encadernado de novo.

O verão e as suas distrações

EM Mayfair, em Londres, ponto elegante no qual os ingleses fazem as maiores excentricidades mundanas, o «Ladiescarton Club» inaugurou esta estação as «ilhas artificiais». Em vez de convidar as amigas para casa, as senhoras preferem convidar-as para tomar chá no «Club», depois dum banho geral, na magnifica piscina de mármore construída no «Club». Esta ampla piscina é rodeada de colunas de mármore vermelho. O tecto reflete a sua linda cor azulada nas aguas da piscina, cuja temperatura é mantida, tépida, doce, agradável. Este banho original dispõe do classico trampolim para os saltos das mais audaciosas, de escadas de mármore para as mais timidas, de pequenas cabines confortáveis e dum grande terraço onde se toma o chá. É ali que as frequentadoras deste aristocrático «Club» se trenam para as corridas de natação que têm lugar todos os anos nas praias inglesas e que são interessantes são.

A mulher inglesa é uma das melhores nadadoras.

Pensamentos

A mulher quanto mais se sacrifica pelo homem (que ama, mais apaixonada se sente,

Ninguém deve impôr o seu gosto. O que para uns é lindo para os outros é muito feio.





«Mosteiros suspensos de horridos penedos, sobros reculares de precipícios vestidos de musgos que o ardor do sol crestou, arbustos gotejando a sombra no vale profundo, o azul suave de um mar tranquilo, torrentes que se despejam das cristas da Serra, no alto a sintonia, e em baixa os ramos dos salgueiros, forma tudo um quadro maravilhoso de variada beleza»

São estes os concisos termos, aliás bem expressivos, de que se serviu Lord Byron para traduzir a sua profunda admiração pelas incomparáveis belezas de Sintra, este abençoado rincão da nossa terra, no dizer de velhos pergaminhos, um brasão e um primor, assombro de forasteiros e enlevo de nacionais.

A Serra que corre entre Sintra, Colares e Cascais conta cinco léguas de conferência e quatro cento e cinquenta metros na sua maior altitude, orçada de caprichosos penedos, dispondo de abundantes e puras águas e de um luxuriante arvoredo em muitos pontos impenetrável aos mais ardentes raios do Sol.

Conquistada aos mouros por D. Afonso Henriques douou-a este a Guáldim Pais, Mestre da Ordem dos Templários e a sua história, velha assim de muitos séculos, foi-se constantemente nobilitando pela alta categoria dos seus sucessivos senhores, na sua maioria testas coroadas.

Os maravilhosos palácios, os velhos castelos e os lindos jardins espalhados por toda esta região demonstram a prodigalidade da Natureza e a magnificência dos homens de outras eras.

Profundo erro o supôr-se que Sintra se pode ver num só dia. O Palácio Nacional, a Pena, Monserrate e o Castelo dos Mouros são rivelmente as mais preciosas joias desse maravilhoso



O Portico do Palácio da Pena Adraga, das

SERRA E MAR Sintra - Cascais Estoril

Azenhas e das Maças, arborisando-se as respectivas zonas, uma estrada contornando a Serra, de Monserrate aos Capuchos, um observatório meteorológico e a reunião em museu das inúmeras preciosidades arqueológicas disseminadas por todo o Concelho, constituem as bases em que assenta a necessária e urgente transformação da encantadora região de Sintra.

Largamente se justificam as despesas que a execução deste plano implicará, não só porque serão bastante reprodutivas mas ainda porque sendo o Concelho um dos que mais contribuem para as receitas públicas não tem tido da parte do Estado as atenções que merece.

A acção da Comissão de Iniciativa e Turismo de Sintra só começou a fazer-se sentir depois de fixada a sua zona, e nos primeiros tempos da respectiva administração limitou-se a procurar recursos com que iniciar os indispensáveis melhoramentos que, embora modestos, representavam a melhor vontade dos respectivos administradores.

Alguma coisa ela tem feito já sem porém poder considerar-se sequer iniciada a grande obra que Sintra exige, dadas as suas responsabilidades no xadrez turístico do País. Abrange a sua área, Sintra, Queluz, Belas, Praia das Maças, Colares e Azenhas do Mar e a todas estas localidades tem levado uma parte dos seus esforços. Para as obras de maior vulto tem encontrado a colaboração de todas as entidades que a elas tem interesses ligados, e sem a qual a sua realização seria impossível.

Em primeiro lugar a Câmara Municipal, credora da gratidão de todos os Sintrenses, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a Junta Autónoma das Estradas e ainda muitas entidades particulares tem contribuído, com a maior dedicação para os melhoramentos realizados.

Executou-se a obra da Estefânia, da autoria do architecto Raul Lino, os muros com aligretes á volta do Duche, com vários bancos nos locais de melhor sombra, o jardim António José d'Almeida, com o seu chafariz, o alargamento da rua Heliodoro Salgado, o do largo da Misericórdia para desafiar o Palácio da vila, facilitando-lhe o acesso, sem perigo para a circulação, o da rua do Conselheiro Segurado, a transformação do antigo chafariz dos Pisões, os candelabros da Praça da República e a construção do jardim no largo do Vitor.

Iniciou-se nas Azenhas uma esplanada que já oferece um bom logradouro sobre o mar e na praia das Maças está concluída uma pequena esplanada, dando-se melhor acesso á praia. Em Belas ajardinou-se a Praça, em Queluz embellezou-se o terreno oferecido pelo Conde de Almeida Araujo, construindo-se um jardim vedado por uma extensa balaustrada, faltando apenas uns pequenos trabalhos para a sua conclusão.

Por força da lei que rege as Comissões de Iniciativa têm estas de entregar ao Estado, para o Conselho Nacional de Turismo, a percentagem de vinte por cento das suas receitas, importância que deixa de ser, portanto, aplicada nos melhoramentos locais, embora seja algumas vezes restituída, sob a forma de subsídios, pelo mesmo Conselho. Pois a Comissão de Iniciativa de Sintra apenas uma vez logrou alcançar um desses subsídios e tudo o que tem feito foi pelos seus próprios recursos e auxiliada pela iniciativa particular e entidades já referidas.

Permitindo a mesma lei dispendir até quinze

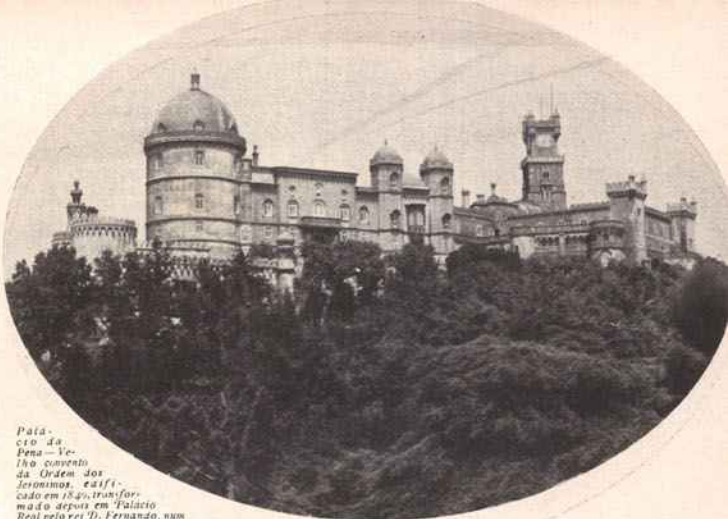


A entrada do Palácio de Monserrate

por cento das receitas com pessoal e expediente esta despesa não excede dez por cento por entender a mesma Comissão que as verbas arrecadadas devem ser empregadas quasi integralmente em melhoramentos.

No ano económico findo não se executaram obras novas mas liquidaram-se completamente as contas com o Estado, encontrando-se agora livre de quaisquer encargos. Iniciou já um serviço especial de limpeza nas estradas do Estado que atravessam a vila e que se encontram sempre, na época de verão, em precário estado de limpeza e vai ser montado um grupo electro-bomba para desenvolver o serviço de regas municipais para atenuar a poeira das ruas e estradas ainda não alcatroadas.

Dispõe Sintra de transportes de passageiros em carros electricos da Companhia Sintra Atlantico, dentro da vila e assegurando as communicações com Colares e pontos intermedios, o que



Paço da Pena—Ve-lho convento da Ordem dos Jeronimos, edificado em 1540, transformado depois em Palácio Real pelo rei D. Fernando, um dos mais altos pontos da Serra e sorprendente o panorama que dahi se desfruta e como monumento archeologico uma das maiores maravilhas. Magnifico o Parque que o rodeia em que se pode admirar a tradicional Ponte dos Passarinhos

representa um serviço de verdadeira utilidade não só para os seus habitantes como para as numerosas pessoas que ali vão passar o verão, permitindo-lhes fáceis correspondências com Lisboa.

Durante a época balnear mantêm ainda um serviço bem montado de transportes em cómodas camionetas da linda praia Azenhas do Mar até Lisboa, com escala por Colares e estações adjacentes. E assim a Companhia Sintra-Atlantico desempenha um papel importante na vida local.

Também a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses mantem um bom serviço de comboios, bastante melhorado ainda durante a estação calmosa.

Resta-nos uma referência especial aos hotéis de Sintra, sobejamente conhecidos íles todos dos milhares de excursionistas nacionais e estrangeiros que á volta do ano por ali passam. O Hotel Costa dispõe de apartamentos completos, aquecimento, águas correntes e frias, satisfazendo assim uma clientela mais exigente.

O Hotel Central, em plena Praça da República, com as suas mesas no vasto terraço é o ponto de passagem obrigatória dos numerosos excursionistas que ali passam.

O Hotel Nunes com um grande terreiro largamente arborizado permite aos seus hospedes e visitantes tomarem as refeições ao ar livre.

O Hotel Neto, já de velhas tradições tem sabido manter o justificado prestigio que conquistou mercê de boa hospedagem e excelente mesa que proporciona aos seus clientes.

Há ainda várias pensões e restaurantes mais modestos com longa frequência também das classes populares.

PARA A COSTA DO SOL

Tomamos o auto-car que nos conduz através da Serra até a Costa do Sol. É uma hora de percurso, rápida como um relâmpago, em que passamos por nossos olhos, como num filme, sucedendo-se ininterruptamente, os mais



O velho Castello dos Mouros

variados e magestosos aspectos que a Natureza nos poderia proporcionar.

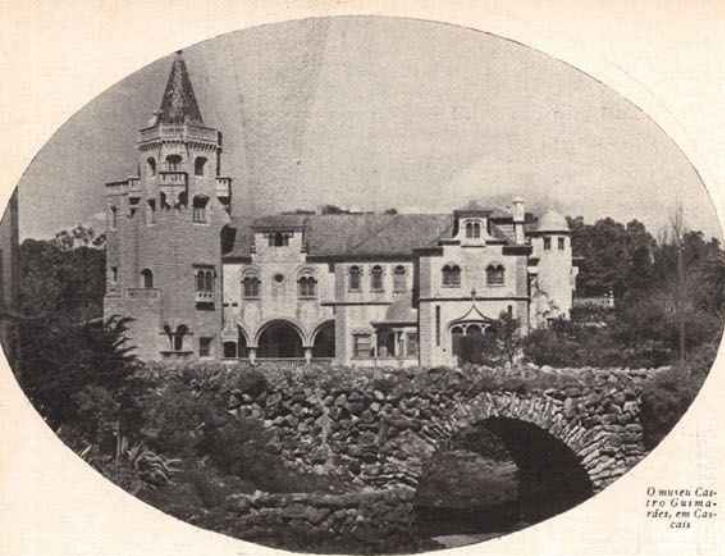
Atravessamos Colares, a ridente vila, pomar de deliciosos frutos e vinhedo de uma das melhores castas da nossa terra e vamos descendo em caprichosos zig-zags até avistar a imensidade do Atlântico, com a praia do Guincho lá ao fundo, o Cabo Raso e a Boca do Inferno que é linda como o mar tranquilo e horriavelmente bela quando agitada as ondas.

Entramos em Cascais, o velho burgo de pescadores, que foi praia da aristocracia, estância de verão dos nossos últimos Reis e actual residência permanente do ilustre Chefe do Estado.

Teve a sua aura brilhante nos tempos da Corte, sobretudo no reinado de D. Carlos, não tendo sido esquecidas ainda as sumptuosas festas então ali realizadas, nomeadamente as que se efectuaram por ocasião da visita oficial de Loubet, ao tempo presidente da República Francesa.

Renasce agora, e com um entusiasmo que nos apraz registrar um movimento local em prol do progresso e desenvolvimento. Agrupados alguns elementos dispostos a trabalhar desinteressadamente em favor de Cascais é de prevêr e para desejar que a nova Comissão de Propaganda reconquistasse para esta terra o seu antigo prestigio indo ocupar no turismo do nosso País o lugar que legitimamente lhe pertence.

Abriu já o Casino, indispensável para recreio da numerosa população balnear e a próxima inauguração do Curso de Férias no Museu Castro Guimarães, nos quais estão inscritos já bastantes concorrentes de várias nacionalidades val marcar como um acontecimento digno da atenção de todos os portugueses.



O Museu Castro Guimarães, em Cascais

A COSTA DO SOL

Paraíso da Europa

Banhos do mar e Aguas termais

O que ha para ver em Cascais — A praia do Guincho, que tem já o seu pequeno restaurante, a Bóca do Inferno, o grandioso parque da Marinha e o do Gandarinha. As preciosidades do Museu Castro Guimarães, as praias Grande, da Rainha e da Conceição, em vésperas de grandes melhoramentos.

Segue-se o Monte Estoril, o jardim desta região, largamente arborizado, em que se contam ás centenas os chalets e vivendas particulares.

Dispõe de vários hotéis de que se destaca o Miramar, numa excelente situação, com um vasto terraço, um bello jardim, recreio apreciado pela sua escolhida clientela e que o General Sanjurjo escolheu para sua residência depois de anistiado.

Segue-se o Estoril, o grande centro turístico do País a que está reservado um grande futuro.

O seu Parque esplêndida e artisticamente ajardinado não envergonharia qualquer grande capital do mundo civilizado.

Da Costa do Sol sobressai o Estoril, hoje justamente considerada a principal zona turística do País, grandiosa obra que se deve exclusivamente à iniciativa particular.

Ainda está na memória de muitos, e nem todos muito velhos, a extensa mata, vulgarmente conhecida pela do Vianinha, com a sua primitiva instalação de banhos termais, sem as mais rudimentares condições de conforto e comodidade. E essa vastíssima extensão de terreno foi-se transformando pouco a pouco, vencendo-se inúmeras dificuldades, transpondo-se obstáculos que por muitas vezes se afiguravam insuperáveis, até chegar ao que hoje é, se não ainda absolutamente perfeito, pelo menos constituindo uma sólida base para novos empreendimentos que muito contribuirão para as prosperidades desta zona.

E de elementar justiça registar a acção persistente do primeiro iniciador desta arrojada tentativa, Fausto de Figueiredo que, pessoalmente, sem o menor auxilio dos poderes públicos, empregando avultados capitais, conseguiu pôr em marcha esta máquina cujas complicadas engrenagens são de muitos desconhecidas.

E ou não o Estoril que hoje acolhe na estação de inverno, com já longas estadias, milhares de estrangeiros, em grande parte sub-

ditos britânicos, de entre todos os mais exigentes e pertencendo ás mais elevadas classes sociais?

Passam ou não anualmente por aqui dezenas de milhares de excursionistas de todas as nacionalidades e que aportam por mar ou por terra à capital?

Fêz ainda fixar nesta região milhares de famílias por ter proporcionado aos seus chefes ocupados em Lisboa, transportes rápidos e económicos no Caminho de Ferro eléctrico, único no País e com um serviço que em qualquer parte do mundo não é mais completo.

A obra do Estoril ultrapassou já o âmbito dos interesses particulares das empresas que se constituíram, para se tornar um caso nacional que exige as melhores atenções do Estado. Empenhado este, como está, na reconstrução de Portugal, terá que a encarar como um rial valor que se torna necessário amparar e defender, mesmo pelo interesse directo e indirecto que já tem o nosso País no turismo que, felizmente, nesta zona vai já seguindo por bom caminho.



O hotel do Parque

A sua praia proporciona banhos de mar em qualquer época do ano, verão ou inverno, sempre com a mesma animação e o mais vivo entusiasmo.

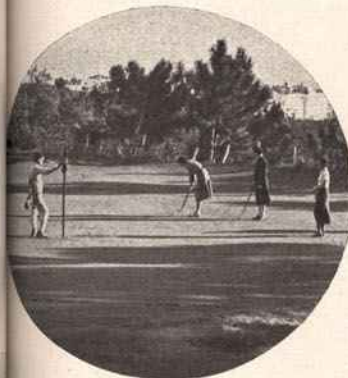
Sobranceiro à praia encontra-se o Tamariz, com um esplêndido terraço sobre o Oceano onde os frequentadores, na sua maioria estrangeiros, ocupam desde as primeiras horas, as mesas ali dispostas. O Tamariz é um recanto privilegiado do Estoril que lhe dá uma nota de requintada elegância.

O estabelecimento termal, hoje apetrechado como os melhores lá de fóra, proporciona banhos de água termal, de água do mar quentes, carbonatadas, duches, irrigações e pulverizações, luz, calor, electricidade médica, raios ultra-violetas, diatermia e massagens e dispõe ainda de uma vasta piscina, que acaba de ser restaurada, onde a miúdo se realisam as mais interessantes festas.

O Estoril tem assim o rarissimo privilegio no mundo inteiro de ser uma bela praia e simultaneamente uma esplêndida estação termal.

Passa-se ao Casino que marca a zona de jôgo permanente do País. Uma constante animação, os seus concertos, os bailes e os espectáculos variados em que tomam parte as maiores celebridades artísticas de renome universal dão-lhe um cunho de elegância que difficilmente poderá ser excedido.

O estabelecimento termal



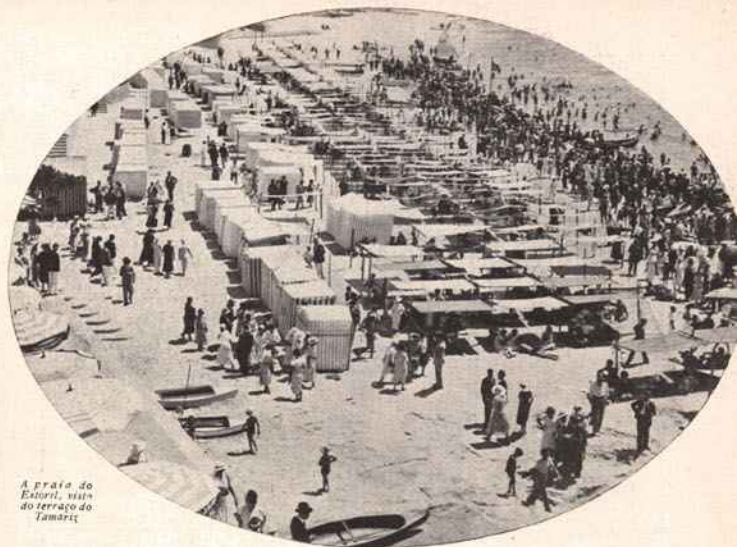
O Golf — predilecção britânica



O Hotel Miramar, no Monte Estoril, preferido por estrangeiros e nacionaes pela sua situação excepcional, terraços e jardins e inextinguivel tratamento



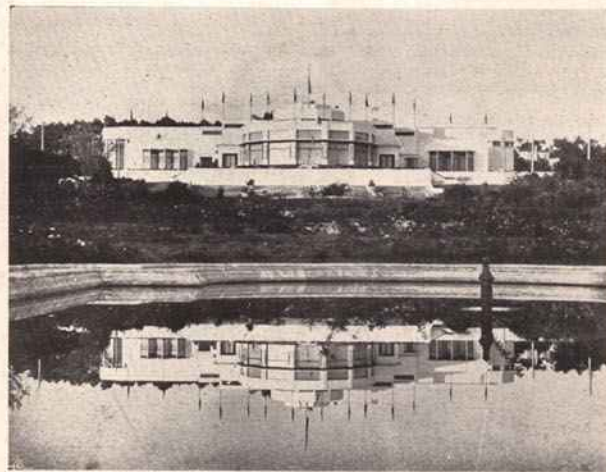
O Tennis — jôgo universal



A praia do Estoril, visto do terraço do Tamariz

Dos seus hotéis destacam-se o Palacio Hotel, o melhor do País, dispondo de todos os elementos de comodidade e conforto a que estão habituados os seus clientes, na sua maioria estrangeiros, recrutados na mais altas classes da So-

cia e as festas ali organisadas tem decorrido sempre com o maior brilhantismo. O Estoril Palacio Hotel tem quasi sempre esgotado a sua lotação e já hoje bem importante em relação ao nosso meio.



O elegante Casino do Estoril reflecte-se nas aguas do lago

cidade, príncipes, aristocratas, professores e elementos de destaque nas artes, letras e sciencias. Ali se tem realisado bastantes banquetes officiais, de congressistas, de associações economi-

O Hotel do Parque é uma pequena caixa de bombons, muito chic, elegante, e frequentada por nacionaes e estrangeiros. Com um primoroso serviço de quartos e de mesa é bem o complemento do Palacio Hotel.

Aspecto geral do parque Estoril. A' esquerda o Palacio Hotel e do fundo o Casino



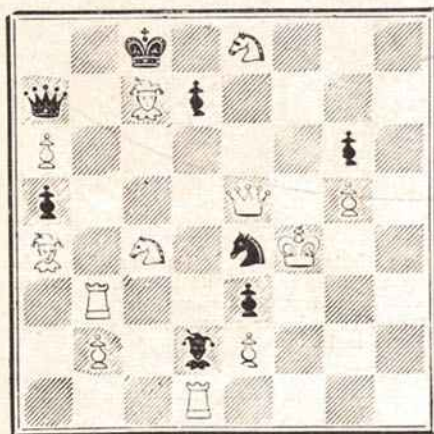
PIRÂMIDE PESTA

Problema de xadrez

Por G. Watson

Branças — 12

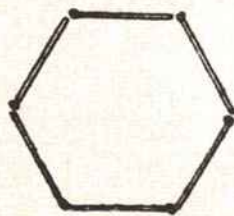
Pretas — 8



Jogam as brancas e dão mate em dois lances.

A figura de seis faces

Aqui estão seis fósforos, muito bem dispostos, de modo a formarem um hexágono perfeito. Peguem em mais três fósforos e disponham todos os nove, de modo a representarem outra figura perfeita de seis faces.



A taça de Jehanghir

A taça de esmeralda de Jehanghir, que fazia parte do tesouro real da dinastia hindú dos Moghul e que foi encontrada entre os escombros de Delhi depois da guerra, foi vendida em Nova York pela quantia de 6.000 libras.

Segundo a lenda, o imperador prometera a sua esposa que se ela o presenteasse com uma taça, nunca mais beberia por outra.

A esposa dêsse adorador fervente de Baccho presenteou-o com uma taça talhada numa esmeralda inteira, medindo polegada e meia e que podia conter uma colher de liquido. Ligado à palavra dada, o imperador Jehanghir cumpriu a sua promessa e deixou de se embriagar.

Pensamentos

Nas mulheres, o desejo da resistência é tão imperioso como o desejo do amor.

Problema de bridge

Espadas — 8, 3.
Copas — V, 5.
Ouros — 6, 4, 2.
Paus — — — —

Espadas — V, 7, 6. **N** Espadas — 5.
Copas — 9. **O** Copas — 6.
Ouros — 9, 5. **E** Ouros — D. 10.
Paus — V. **S** Paus — R. 8, 4.

Espadas — R. 4.
Copas — — — —
Ouros — A. V.
Paus — D. 7, 6.

Trunfo é copas. S. joga e deve fazer 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Rei de ouros e N balda-se a paus. S joga o 6 de ouros, N corta com o Valete de trunfo. E pode baldar-se a espadas, paus ou copas. Se E se balda a espadas, N joga espadas, S joga o Rei e, em seguida, uma espada pequena, que N corta como Az de trunfo e joga, em seguida trunfo, passando a mão para S que faz as vasas todas.

Se E se balda a paus, N joga paus que S corta, jogando em seguida o Rei e o 5 de espadas que N corta com o 7 de trunfo. N joga depois, o Az de trunfo e faz a ultima vasa com a sua ultima carta de paus.

Se E se balda a copas, N joga paus, que S corta, jogando, em seguida, o Rei de espadas e a Dama de ouros. N balda-se à carta de paus e faz os dois trunfos.

Belezas defeituosas

Teem sido muitas as mulheres que, passando á história pela sua extraordinária beleza, deixaram contudo a memória de graves defeitos físicos, os quais quebravam a harmonia e o encanto das muitas graças que as ornavam.

Tais fôram, por exemplo, a princeza de Eboli e a bela Ferrounière.

Porém, mais notável ainda e menos conhecido do que os defeitos dessas formosas célebres, é o de Ana Bolena. Esta princeza tinha seis dedos na mão direita, assim como tinha também, segundo a afirmativa de alguns historiadores, três seios.

Problema de Damas

(Solução)

Jogar da seguinte forma: 19 15, 10 — 19, 23, 16, 12 — 19, 30 e 16 e está o jogo ganho.

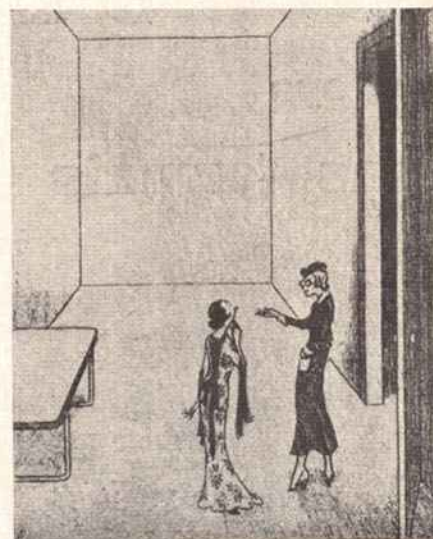
A graça alheia



A formosa victima: É esplendido da sua parte, ter vindo assim em meu socorro, mas, parece-lhe que me está salvando pelo caminho mais curto?

(Do Windsor)

O espírito inglês



Numa casa moderna: O' Lena! mas para que tens ali aquela mesa?

Quem inventou a pintura?

Vem da época bem remota a pintura. Inventou-a, no século IX, A. C., um Corintio chamado Cleofanto; mas apenas empregou nos seus trabalhos uma única côr. Foi só no século VIII que Bularcho fez uso de várias côres e traçou verdadeiramente, com tal descoberta, o caminho que essa arte devia seguir.

Londres-Paris

A primeira companhia de navegação que houve, foi criada, em 1816, com o fim de ligar Londres a Paris por meio de paquetes movidos a vapor. O primeiro dêsses navios foi o *Elisa* que atravessou a Mancha em vinte horas.

Lacrima Cristi . . .

Num tribunal italiano corria uma importante acção contra um taberneiro acusado da falsificação dum *Lacrima Cristi*. O advogado de defesa exigiu a comparencia de peritos provadores, aos quais foram dadas garrafas sem rótulo, e apenas numeradas em etiquetas postas pelo juiz, uma com vinho bom, outras com o pretensio falsificado. Depois dum largo intervalo para a reunião do júri, veio à sala o presidente, a quem o juiz pergunta: — Quais são os verdadeiros?

Cambaleante, aquele responde apenas:

— La giuria domanda una maggiore quantità di prova!

A mulher

A mulher foi defenida pelo escritor Victor Hugo da seguinte maneira:

«A mulher, que foi a perdição para o pai Adão, para Samsão a morte, e para Salomão uma vingança, é para o médico um corpo, para o juiz uma ré, para o pintor um modelo, para o poeta uma flor, para o militar uma camarada, para o padre uma tentação, para o enfermo uma enfermeira, para o romântico uma heroína, para o versátil um juguete, para o gastrónomo uma cosinheira, para a criança um colo e para o noivo um desejo».



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral, reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências,
das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina
e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, **NUM ÚNICO VOLUME**, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa



AO ACORDAR

QUANDO se levanta está V. Ex.^a alegre ou triste? Tem disposição para passar um dia feliz depois de uma noite de sono socegado, ou tem os seus nervos exaustos devido às horas de insónia durante uma noite?

Para assegurar um sono tranquilo, tome sempre, antes de se deitar uma chavena da deliciosa "Ovomaltine"

Não ha nada melhor, alimento mais completo para lhe permitir um sono reparador, dando-lhe a necessaria inergia aos seus nervos, e conservando-lhe a sua boa disposição.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8450, 16900 e 30900

Un'cos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA

